

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

SÃO LUÍS AOS OLHOS DE MORAES

Os vencidos e degenerados na cidade de Moraes

São Luís - MA

2016

ANDRÉIA BELÉM FERREIRA

SÃO LUÍS AOS OLHOS DE MORAES

Estudo sobre a cidade em *Vencidos e degenerados*

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Ms. Manoel de Jesus Barros Martins

São Luís - MA

2016

Espaço para Ficha Catalográfica

(Ficha feita na Biblioteca)

ANDRÉIA BELÉM FERREIRA

SÃO LUÍS AOS OLHOS DE MORAES

Estudo sobre a cidade em *Vencidos e degenerados*

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Licenciatura em História.
Orientador: Prof. Ms. Manoel de Jesus Barros Martins

Monografia apresentada em __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Ms. Manoel de Jesus Barros Martins
UFMA – São Luís

1º Examinador (a) Profa. Dra. Marize Helena de Campos
UFMA – São Luís

2º Examinador (a) Profa. Dra. Maria da Glória Guimarães Correia
UFMA – São Luís

Dedico à minha família, que esteve
sempre ao meu lado.

Aos meus avós Mariana Belém e Valdir
Belém.

À minha mãe Ilailma Belém,

Ao meu esposo Guilherme Pereira.

Às minhas filhas Mariana e Maria Clara.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me proporcionou a vida, meu companheiro em todos os momentos, meu confidente nas horas mais difíceis.

Agradeço aos meus avós Mariana e Valdir que estão presentes mesmo quando ausentes, por todo amor e dedicação e principalmente por minha educação.

Agradeço à minha mãe Ilailma pelo amor e pelo apoio em todos os momentos.

Agradeço ao meu esposo Guilherme, que me acompanhou desde o início deste ciclo e me incentivou a continuar quando tudo parecia perdido, um grande companheiro.

Agradeço às minhas filhas, Mariana e Maria Clara, que são o principal motivo de ter continuado no curso, de querer essa vitória e ser um exemplo para elas.

Agradeço à minha tia e madrinha Iolanda e à minha tia Iracema que sempre me ajudaram incondicionalmente.

Agradeço às minhas primas – irmãs, Renata, Suzana e Liziane, que tantas vezes se tornaram babás para que eu concretizasse meu sonho.

Agradeço ao meu sogro Francisco e à minha sogra Rosário por me incentivarem a continuar.

Agradeço à minha cunhada Giuliana e ao seu esposo Fabiano que me ajudaram imensamente na reta final deste trabalho.

Agradeço aos meus compadres Gisele e Gilmárcio e minha cunhada de coração Gylmara.

Agradeço aos meus amigos, Darlan e Tayaná, que dedicaram seu tempo a ler meu texto e me ajudaram imensamente, Maykon e Flávio que desde sempre estiveram comigo.

Agradeço aos meus colegas de curso pelas tardes prazerosas, pelas pequenas reuniões e pelas experiências inesquecíveis.

Agradeço ao meu orientador, Manoel Barros Martins, primeiramente por ter me apresentado Nascimento Moraes por meio de *Vencidos e degenerados*. Também sou grata pela sinceridade que me fez crescer e concretizar este projeto e pelo seu tempo dedicado ao meu trabalho.

Agradeço à coordenação do curso e a todos os professores que fizeram parte dessa jornada, especialmente à professora Glória Correa e Marize Helena, que me deram a honra de participar da minha banca, não haveria de ser melhor recepcionada.

Agradeço a José do Nascimento Moraes, que me proporcionou esta obra magnífica: *Vencidos e degenerados*, uma leitura prazerosa e rica, que despertou em mim uma gama de sentimentos e me instigou a conhecê-lo profundamente, a conhecer o seu mundo, aquele mundo da obra, e acabou resultando neste trabalho árduo e prazeroso.

“Certas passagens desta crônica da vida do Maranhão são verdadeiros documentos sociológicos.”

Jean-Yves Mérian

RESUMO

Este trabalho consiste na análise da obra de Nascimento Moraes, *Vencidos e degenerados*, publicada pela primeira vez em 1915. A obra retrata o panorama do Maranhão após dois grandes eventos, a Abolição da Escravidão (1888) e a Proclamação da República (1889), eventos sucessivos que transformaram o cotidiano maranhense. Dessa forma, vários seguimentos da sociedade, como a economia e a cultura ficaram abaladas, pois a grande lavoura sucumbiu e a Atenas Brasileira seguia letárgica. No texto literário de Moraes fica evidente essa crise na agro exportação e o processo de reanimação cultural promovida pelos novos atenienses. Somado a isto, Moraes também evidencia as condições dos libertos e dos entremeios após a Abolição naquela sociedade em que predominava a discriminação.

Palavras – chave: Abolição, Proclamação da República, Literatura, Novos Atenienses.

ABSTRACT

This work is the analysis of Moraes Nascimento 's work, Losers and degenerates, first published in 1915. The work depicts the panorama of Maranhão after two major events, the Abolition of Slavery (1888) and the Proclamation of the Republic (1889) successive events that transformed the everyday Maranhão. Thus, various segments of society such as the economy and culture were shaken, because the plantation and succumbed to the Brazilian Athens followed lethargic. In Moraes literary text is clear that the crisis in agro exports and the cultural revival process promoted by the new Athenians. Added to this, Moraes also shows the conditions of the freedmen and inset after the abolition in that society that prevailed discrimination.

Key - words: Abolition; Proclamation of the Republic; Literature; new Athenians.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Gráfico da exportação de Algodão no Maranhão (em milhares de sacas) 1760 / 1888.....	21
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. O MARANHÃO NA VIRADA DO SÉCULO XIX-XX.	17
2. PANORAMA CULTURAL: RENASCIMENTO CULTURAL	33
2.1 O despertar da Atenas Brasileira.....	36
2.2 Desmistificando as ruínas de Tebas.....	39
2.3 Os operários da saudade.....	43
2.4 As associações literárias.....	57
3. SÃO LUÍS AOS OLHOS DE MORAES	60
3.1 A cidade ideal e a cidade real	62
3.2 A Abolição e seus efeitos na sociedade maranhense	66
3.3 Modernizações à vista: os bondes elétricos em São Luís	68
3.4 O lazer era necessário	70
3.5 Os vencidos e degenerados de Moraes.....	70
3.6 Personagens de um cotidiano inglório.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	81

INTRODUÇÃO

Este trabalho, nomeado São Luís aos olhos de Moraes: estudo sobre a cidade em *Vencidos e degenerados*, consiste na análise do romance crônica *Vencidos e degenerados*, publicado pela primeira vez em 1915. O texto discorre sobre o cotidiano da cidade de São Luís a partir de eventos muito significativos. Temos a Abolição da escravidão (1888) e a Proclamação da República (1889) como marcos principais dessa análise.

O romance é de autoria de José do Nascimento Moraes, figura ímpar na sociedade intelectual maranhense. Moraes se destaca por sua perspicácia na imprensa, além de sua atuação no campo literário e educacional. Porém a sua singularidade é definida por sua origem e sua luta para alcançar seus objetivos. Negro, filho de ex-escravos e de origem humilde, contudo, essas características que não impediram Moraes de se tornar um intelectual privilegiado no meio jornalístico e literário.

A obra de referência inicia sua narrativa no dia da chegada da notícia da Abolição à São Luís, com a festa dos abolicionistas e principalmente, dos libertos, "a cidade fulgia de delírio, ardia de febre ruidosa e empolgante de sugestionadora alegria". Após esse momento, o romance dá um salto de alguns anos e revela que mesmo com a consolidação da Abolição e a chegada da República ainda permaneciam os velhos hábitos aristocráticos. As mudanças pretendidas não aconteceram, os libertos ficaram sem trabalho, sem educação e sem perspectivas de melhoras. "Não procuraram matar o analfabetismo os que se apossaram do poder". Por outro lado, temos os lavradores, que perderam sua fortuna com a crise já instalada na economia, agravada pela perda da mão de obra escrava, neste âmbito o governo também foi omissivo, pois não houve planejamento para esse momento e esses lavradores, os latifundiários, entraram em profunda decadência.

O termo *decadência* é muito recorrente nesse período, os intelectuais da geração de Moraes eram denominados decadentistas. De fato, essa mentalidade de degradação é dada mediante todos os problemas que a sociedade maranhense estava passando, mas principalmente pelo fato de ser a elite o alvo principal desse abatimento. Quando falamos em crise econômica devemos atentar para o fato de que

os que perderam eram os que tinham, ou seja, os grandes agricultores, e como os intelectuais, em sua maioria pertenciam à essa elite e foram frutos dessa monocultura e da escravidão, lógico que eles enfatizaram muito mais essa decadência. Esse termo foi preponderante para a reinvenção da Atenas Brasileira, dessa forma "o Maranhão é assim, visto como tendendo à uma prosperidade possível, embora imerso numa constante decadência. O presente é ao mesmo tempo, de maneira paradoxal, o princípio do futuro e a última etapa de um passado que persiste enquanto tradição e mito"¹.

Voltando à obra, destacamos a relação de João Olivier, exímio jornalista que por defender seus ideais, se viu obrigado a emigrar do Maranhão, com seu filho Cláudio Olivier. Cláudio era filho de um casal de ex escravos, Andreza e Aranha, fora criado por Olivier para ser "um homem destemido e não um bacharel qualquer, forrado para resistir a insultos, pulso rigoroso para esmagar preconceitos, um polemista terrível que faça uma época e traga com a lâmina cortante de sua prosa, que há de ser castiça e fulgurante, o pêlo dos animais que nos maltrataram"². Cláudio seguiu o mesmo caminho do pai adotivo, "o gosto pelas letras", dessa forma, constituiu um grêmio, junto a outros literatos que faziam parte do mesmo rol de Cláudio, apesar de não fazerem parte da elite e não terem frequentado renomados colégios, muito sabiam a respeito da literatura. Dessa forma criaram um periódico, chamado de *O Campeão*. Nessa perspectiva, a chegada de *O Campeão* tem a mesma conotação quando, em 1915, foi lançado *Vencidos e Degenerados*, apesar do ambiente de Moraes estar mais propício à publicação da obra. *O campeão*, título sugerido pelo professor Bento, que também era revisor do periódico, não tardou a ser conhecido, até mesmo em outras plagas se ouvia falar no periódico. De certo, a ascensão do grêmio, e conseqüentemente dos intelectuais que pertenciam a ele, causaram um incômodo na elite, que tratou de reunir alguns rapazes metidos a intelectuais e fundar um grêmio. Este grêmio da elite produziu um periódico chamado *O Triunfo*. Dessa maneira podemos elucidar que *O Campeão* não foi pálio para *O Triunfo*, como o próprio nome sugere, no final a elite triunfou, pois que os jovens gremistas aliados à Cláudio foram perseguidos e só restou a Cláudio dissolver o grêmio e dá fim aos periódicos. Apesar de se empenhar para revigorar a Atenas, Cláudio Olivier não teve êxito, restando

¹ALMEIDA. *A ideologia da decadência*. 1983. p. 153

²MORAES, *Vencidos e Degenerados*. 2000.p. 92

apenas o ostracismo. Dessa forma, ele se consagrou, assim como muitos literatos daquela conjuntura, de fora para dentro. Ao retornar a São Luís já era um intelectual renomado, recepcionado pelo governo, admirado por todos.

Este trabalho amplia a atuação dos letrados que formaram a terceira geração literária maranhense. O autor da obra em análise, José do Nascimento Moraes, juntamente com outros intelectuais, entre eles, Antonio Lobo, Fran Paxeco e Inácio Xavier de Carvalho, reanimaram o cenário cultural do Maranhão, que se achava em letargia. Nesse contexto vários órgãos foram fundados para dinamizar e contribuir com o movimento literário vigente. Muitas publicações circulavam nos jornais maranhenses, além de polêmicas que eram travadas em pleno campo jornalístico, com embates emblemáticos entre Moraes e Lobo. Podemos afirmar que o Maranhão estava vivendo uma nova aurora.

Devemos levar em conta que *Vencidos e degenerados* é uma ficção e o tempo todo se confunde com o real. Algo deveras enriquecedor, pois a literatura e a história se encontram de uma forma esplêndida, tornando a obra muito maior do que se presume. É uma leitura instigante, que nos leva ao centro histórico e nos faz imaginar aquele movimento do bairro comercial e todo o contingente que dinamiza o cotidiano daquela sociedade. Dessa forma, história e literatura andam de mãos dadas e proporcionam um estudo mais apurado daquela conjuntura.

Desse modo, já definidos os papéis, organizamos o trabalho em três partes. A primeira nos situa economicamente com a obra, de modo a desmistificar o assombroso panorama de decadência por tantas vezes mencionado na historiografia tradicional. Devemos entender que decadência e estagnação são termos que a elite usou para qualificar um momento de crise do sistema agroexportador maranhense, onde os principais prejudicados foram os próprios membros dessa elite, por isso esse caráter decadente da economia é tão ressaltado nas obras contemporâneas à crise.

No segundo capítulo discorreremos sobre o panorama cultural maranhense, que consiste no renascimento cultural da Atenas Brasileira, embalado pela atuação do grupo literário denominado Os Novos atenienses, que atuaram de forma significativa na sociedade maranhense. Nessa parte do trabalho detalhamos um pouco mais sobre o autor de *Vencidos e degenerados*, Nascimento Moraes, que de origem humilde e

mulato, conseguiu colocar-se na imprensa e permanecer até a década de seu falecimento. Graças ao seu talento para as letras e sua dedicação conseguiu fazer história dentro da imprensa, pois o autor se tornou um dos maiores, se não o maior polemista de seu tempo. Sua lida diária embeleza ainda mais sua trajetória como literato, professor e jornalista, um homem de grande potencial que, mesmo com os infortúnios que as letras podiam trazer, jamais arredou o pé de seu torrão natalício.

Dando continuidade, nesse capítulo conheceremos alguns intelectuais que contribuíram para a renovação literária maranhense.

Na última parte, intitulada São Luís aos olhos de Moraes, fazemos uma breve apresentação do texto literário de Moraes, falando das condições sanitárias da cidade, de sua modernização com a vinda das fábricas e conhecendo um pouco mais dos personagens da história. É nesse meio que tentamos entender cada papel, o que esses personagens significavam para o autor.

Por fim, este trabalho foi gerado a partir da leitura da obra analisada, onde surgiram alguns questionamentos e que me instigaram a estudar o autor e aprofundar meus conhecimentos acerca desse período de forma que este é o resultado dessas indagações e também da minha admiração pelo trabalho do mestre Nascimento Moraes.

1. O MARANHÃO NA VIRADA DO SÉCULO XIX-XX.

Vencidos e Degenerados é um exímio encontro entre a história e a literatura, evidenciando que as produções literárias merecem um olhar mais apurado. A partir dessa perspectiva, é possível constatar o grande valor histórico que a obra carrega, apresentando com um retrato do Maranhão no contexto histórico de dois grandes eventos: a Abolição e a Proclamação da República.

Vencidos e Degenerados testemunha um período de intensas transformações, quando o Maranhão foi acometido por crises no sistema agroexportador, o que se refletiu em outros setores da sociedade, principalmente naqueles que eram diretamente dependentes da produção da grande lavoura.

O panorama econômico estava longe daquele vigente há algumas décadas, porém ainda permaneciam os velhos hábitos adquiridos, especialmente pela elite, no período de opulência da Província, e esse comportamento social agravava ainda mais a situação.

Desse modo, Moraes revela por meio de Cláudio Olivier como se comportava essa sociedade:

A elite postiça [...] que ali se ostentava como deusa, escolhendo posição sobranceira e lugar que lhe parecesse apropriado e inconfundível, ofendendo com sua soberba a modéstia dos simples; os ricos imaginários [...] a arrotar uma grandeza enganosa, e escarninha superioridade de condição, que não é luxo, mas que é muitas vezes, extravagâncias de quem quer mostrar-se de farto³.

Era da grande lavoura que o Maranhão abastecia sua riqueza, desde a criação da Companhia de Comércio Grão-Pará e Maranhão (1755) perdurando até o fim da escravidão (1888). Não significa dizer que o Maranhão não tivesse mais lavouras, porém a grande lavoura sucumbiu e a agricultura de subsistência foi o que restou daquela época de opulências.

³ MORAES, Vencidos e Degenerados. 2000. p. 160

O tempo exigia mudanças, que consistiam em modernização e implantação de novos métodos de plantio e colheita e novas opções de mão de obra, “capital monetário” e “capital moral”. Segundo Martins, ao analisar os estudos de Miguel Vieira Ferreira sobre esse período, depreende que

a lavoura, tal como desenvolvida historicamente na província, não tinha saída, estava condenada a retrogradar sempre, visto que, empregando maciça quantidade de braço escravo, inibia o aparecimento de demandas por braços livres e, mais para o âmago da questão, concorria para enraizar ainda mais a aversão ao trabalho manual, vigentes em amplas faixas dos segmentos livres da população⁴.

Para enveredar no mundo da grande lavoura, traçaremos um perfil dela, iniciando pelo período pombalino, passando pela abolição e pela Proclamação da República, buscando assim, entender o processo que culminou com sua derrocada.

Criada durante a administração pombalina, a Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão foi parte integrante do plano de reestruturação econômica de Portugal, sendo essa organização responsável pelo controle da entrada e da saída dos produtos da colônia portuguesa, antes realizadas, em sua maioria, por comerciantes estrangeiros. Com a morte de D. João V assumiu o trono seu filho, D. José I. O fatal acontecimento do terremoto de Lisboa, em 1755, foi decisivo para que Sebastião José de Carvalho e Melo, o futuro Marquês de Pombal, assumisse o cargo de Ministro de Negócios do Reino, pois foi ele o responsável pelo plano de reconstrução de Lisboa.

Pombal começou a agir mediante seus conhecimentos fundamentados no Iluminismo, que estava em evidência na Europa. A partir dele propagou-se a utilização racional do trabalho, que culminou com a expulsão da Companhia de Jesus, em 1759, na lei sobre a liberdade dos índios (1755) e na introdução maciça de escravos africanos a partir de 1756, sendo este último, o braço forte da lavoura. Belém e São Luís tornaram-se as capitais administrativas do Estado do Grão-Pará e Maranhão. A partir de então houve um notável progresso e o Maranhão começou a sobressair no cenário nacional, pois contava com uma estrutura administrativa, que assegurava o

⁴ MARTINS, Rachaduras solarescas e epigonismos provincianos. 2002. p. 19

financiamento e o escoamento da produção⁵. Essa circunstância o elevou à condição de quarta economia da colônia.

Contudo, devemos ser cautelosos e compreender que não houve um crescimento repentino, mas sim um trabalho contínuo, com altos e baixos, tornando a economia um grande espelho que fez refletir outras conquistas, principalmente fazer de São Luís a cidade das letras, a Atenas Brasileira, mesmo que, apenas, uma pequena parcela da população tivesse acesso à educação, em sua maioria os filhos de fazendeiros e comerciantes que eram beneficiados pela companhia.

A historiografia tradicional maranhense considera o Império como um período de opulência no Maranhão, o raciocínio é de que a lavoura e a exportação, impulsionadas pela política pombalina, puderam viver seus tempos áureos. Toda essa riqueza produzida nas lavouras gerou uma elite latifundiária, que investiu nas letras, fazendo o Maranhão crescer intelectualmente e sobressair nacionalmente.

Vale consignar, os fazendeiros, lavradores e agricultores, aqueles que detinham o poder econômico, social e político, não tinham conhecimento suficiente para melhorar suas lavouras e aperfeiçoar novas técnicas agrícolas. Possivelmente nessa época ainda não haviam muitos avanços dessas técnicas existentes no Maranhão. Em sua maioria, utilizavam os altos ganhos das produções para ostentarem em bailes e saraus a riqueza que os braços escravos forneciam, pois era um elemento de distinção incrustado nessa elite.

Para alguns, naquele período, era essencial que a lavoura, que consistia na grande propriedade e na monocultura, fosse modernizada. O Maranhão produzia essencialmente açúcar, algodão, arroz e outros gêneros em pequena escala, como o gengibre, ainda utilizando técnicas rudimentares, que ao passar do tempo deixaram a terra cansada, obtendo assim uma produção cada vez menor.

Para compensar o ônus causado pela diminuição das produções agrícolas, os lavradores recorreram à venda de escravos para outras províncias. O tráfico interprovincial de escravos foi ocasionado principalmente pela proibição do tráfico negreiro, em 1850, através da Lei Eusébio de Queiroz. Por possuir um grande

⁵ FARIA, *Mundo do trabalho no Maranhão Oitocentista*. 2012. p. 40

contingente de escravos, o Maranhão foi alvo desse tráfico. Devido à expansão cafeeira no Sul, muitos braços escravos foram direcionados para lá. Para muitos senhores, nesse momento era mais lucrativo vender seus escravos do que investir em suas lavouras. Era por meio dessas vendas que os senhores de escravos tentavam manter seu status, diante da crise já instalada. Em 1872, a província do Maranhão tinha uma população escrava estimada em 73.245 peças⁶, reduzida para 49.545 em 1884 e, em 1887 o quantitativo já era de 33.446⁷.

Não tardou para que a crise já instalada na lavoura se agravasse ainda mais. Os escravos, que eram utilizados também como status, foram libertos e seus donos não tiveram qualquer ressarcimento. Portanto, a Abolição deflagra um sistema que já vinha sucumbindo há algum tempo, a grande lavoura.

A historiografia da época aponta a Abolição como o principal condicionante da crise econômica do Maranhão. Nesse contexto é que a província ingressou num estado de decadência. Porém, novas questões sobre esse termo tão utilizado para caracterizar esse período foram levantadas a fim de esclarecer que a crise se instalou devido a várias circunstâncias e não somente à Abolição. A esse respeito, Regina Faria se posiciona:

Há, entre estes, quem recorra aos argumentos dos contemporâneos da Abolição, para indicar outras variáveis explicativas da crise econômica, além da falta de braço escravo, a saber: a concorrência internacional aos produtos exportados; a falta de capitais e de instituições financeiras; a precariedade nos transportes; a falta de incentivos do governo central; as dificuldades para contratar imigrantes estrangeiros e atrair os braços livres nacionais para trabalho nas fazendas; e incapacidade dos senhores de terras e escravos de encontrar soluções para situações adversas⁸.

A produção do açúcar, apesar de ultrapassar a produção algodoeira em 1870, também não resistiu. Os mesmos fatores que atingiram a produção do algodão, também se refletiram na do açúcar, pois além da concorrência com as Antilhas e

⁶A palavra “peças” era um termo utilizado naquela época e assim descrito por Ribeiro.

⁷ RIBEIRO. A Desagregação do Sistema Escravista do Maranhão, 1990. p. 80.

⁸ FARIA, Mundo do trabalho no Maranhão Oitocentista, 2012. p. 13.

Cuba, que tinham um produto de qualidade superior, os engenhos precisavam ser modernizados para produzir em larga escala.

Diante desse quadro, Prazeres afirma que:

O fim do trabalho escravo conferia ao já falido sistema agroexportador o golpe final de sua existência. E no Maranhão, assim como em todo o país, a crise na economia foi avassaladora com o advento da abolição da escravatura que levou consigo a falência de cerca de 70% dos engenhos de cana-de-açúcar e 30% das fazendas de algodão⁹.

Também somamos a esses fatores a ausência de conhecimento dos fazendeiros, agricultores e lavradores sobre a lavoura e a criação. Viviam ocupados gozando de sua fortuna no conforto de suas casas e deixavam tudo por conta do feitor, que era seu homem de confiança. Em suma, era o feitor responsável por tudo, pelos escravos, pelo plantio, pela colheita, pela criação. Enfim, ele detinha o conhecimento e também a autoridade.

Quando pensamos na geração de riqueza produzida pela lavoura, devemos atentar para o fato de que a exportação teve seus altos e baixos, evidenciando uma grande instabilidade econômica durante o “reinado” da grande lavoura.

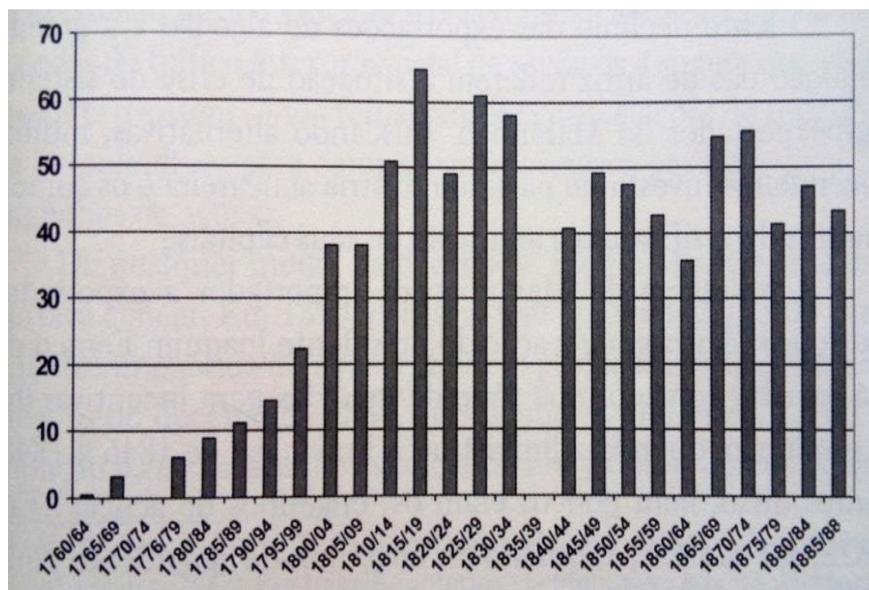
É justamente em um desses contextos de altos e baixos, que ocorre a produção em massa de algodão no Maranhão, ocasionado pela Guerra de Secessão (1860-1865), ocorrida nos Estados Unidos, onde a produção de algodão americana estancou devido ao conflito e com isso os mercados que esta abastecia ficaram sem produtos, dando ao Maranhão a chance de exportar esse produto em larga escala.

Mediante os estudos feitos por Regina Faria, as exportações de algodão do Maranhão saíram, então, das 28.299 sacas vendidas em 1862 e alcançaram 72.793 sacas em 1872, ano de ápice desse rápido período de euforia¹⁰. Temos o seguinte gráfico, representando a exportação de algodão entre 1760 e 1888, produzido por Faria baseado em autores estudiosos dessa questão.

⁹ PRAZERES, Nos trilhos do progresso, 2011. p.22.

¹⁰ FARIA, Mundo do trabalho no Maranhão Oitocentista, 2012. pg. 43

Exportação de Algodão no Maranhão (em milhares de sacas) 1760 / 1888.



Fonte: Mesquita (1987, p. 62-64), Viveiros (1954, v.2, p. 441), Fala (1986), Fala (1988). Apud Faria, 2012, p. 43.

A análise do gráfico permite a constatação de um surto da produção algodoeira no Maranhão, condicionante do processo que levou à implantação da indústria têxtil. Maria das Graças Prazeres registra que esta euforia foi tanta, que logo nos primórdios da República, o Maranhão já contava com dezessete fábricas localizadas nas cidades de Codó, Caxias e São Luís¹¹.

Segundo Viveiros¹² o “parque industrial” maranhense era composto de 17 fábricas pertencentes à sociedade anônimas e 10 particulares, sendo 10 de fiação e tecidos de algodão, 1 de fiar algodão, 1 de tecido de cânhamo, 1 de tecido de lã, 1 de

¹¹ PRAZERES, Nos trilhos do progresso, 2011. p. 22.

¹² VIVEIROS, História do Comércio do Maranhão, vol. II; 1992. p.558.

meias, 1 de fósforos, 1 de chumbo e pregos, 1 de calçados, 1 de produtos cerâmicos, 4 de pilar arroz, 2 de açúcar e aguardente.

Com a lavoura em crise, as fábricas surgiram como uma alternativa para os fazendeiros aplicarem o capital que lhes restava, pois viam nelas a solução para a situação desconfortável em que se encontravam. Assim “o desenvolvimento da atividade fabril foi o caminho seguido por fazendeiros e comerciantes, naquela conjuntura marcada pela incerteza sobre o futuro imediato da grande lavoura sem escravos.”¹³

A elite, acostumada com o luxo e as regalias trazida pelos lucros da lavoura, na primeira oportunidade de ter de volta o seu estilo de vida opulento, apostou de certo nas fábricas. Correia afirma que “corações e mentes, devaneios e esforços voltavam-se agora para a montagem de fábricas, envolvendo-se neles até os menos aquinhoados¹⁴”. Para sintetizar esse efêmero período, Martins destaca:

As fábricas, fundadas celeremente, mobilizaram uma soma ponderável de recursos nativos, mas logo demonstraram não ser um investimento seguro, pois inflacionaram um mercado muito restrito com uma produção elevada para suas possibilidades de consumo. Por isso, [ganha sentido a imagem produzida por Manoel de Bithencourth no romance *A Crise*, publicada no jornal *A Campanha*, de 18/04/1902] “algumas vão-se mantendo com dificuldade, mas solvendo os seus compromissos. Outras naufragaram para sempre e só existem nos prédios silenciosos em que a ferrugem lhes gasta o maquinismos”.¹⁵

De certo, as fábricas foram uma grande ilusão, porém trouxeram um conceito de modernidade para São Luís, transformando principalmente seu espaço urbano, e foi nesse contexto que surgiram os bairros operários, a iluminação a gás e os bondes puxados por animais. Justamente esses bondes deram uma nova conotação ao cotidiano de São Luís, sendo este um lugar frequentado por negros e brancos, algo que causava desconforto à elite branca. De acordo com Silveira:

¹³ CALDEIRA, *Origens da indústria no sistema agroexportador maranhense - 1875/1895*, 1988. p. 104.

¹⁴ CORREIA, *Nos fios da trama*, 2006. P. 176.

¹⁵ MARTINS, *Rachaduras solares e epigonismos provincianos*, 2002. p. 30 – grifos do autor (ou da autora).

As modificações no espaço e nas relações sociais em São Luís, com o aumento da população, novas formas de trabalho relacionadas à indústria têxtil, provocaram impactos no cenário urbano, aumentando os discursos acerca do progresso e da civilização, bem como medidas para adequar os habitantes citadinos aos novos modelos de urbanização, saneamento e moralidade.¹⁶

Outra mudança significativa foi a utilização de mão de obra assalariada. Nesse momento, principalmente os libertos estavam desempregados, o que permitiu que boa parte deles se transformassem em operários. “Na cidade de São Luís, a mão de obra empregada nas fábricas veio, principalmente, de uma grande massa de homens livres, brancos e negros libertos que neste momento encontravam-se ociosos”¹⁷, de forma que esse operariado era muito diversificado, empregando também mulheres e crianças, que tinham um salário inferior.

Maria das Graças do Nascimento Prazeres, a esse respeito nos diz que:

Muitos desses personagens foram convocados para compor o quadro de operários das fábricas, e a maioria dos funcionários correspondia às mulheres e crianças, em virtude de sua mão de obra ser menos valorizada. Em geral, os salários pagos às mulheres correspondiam a $\frac{3}{4}$ do salário de um homem e os das crianças representavam apenas metade do salário dados aos operários do sexo masculino. Assim, são estas as principais circunstâncias que condicionaram o desenvolvimento industrial no país, sobretudo, a têxtil na segunda metade do século XIX¹⁸.

Enfim, as fábricas não trouxeram ao Maranhão o que foi pretendido. Muitas faliram antes mesmo de gerarem lucros, principalmente pelo fato de seus maquinários já serem ultrapassados, pois os que eram trazidos para o Maranhão já estavam em desuso na Inglaterra. Além disso, para renovarem essas máquinas era um investimento custoso. Por outro lado, faltavam trabalhadores especializados e experiência de seus investidores, pois muitos dos que se arriscaram nesse negócio não tinham suporte para tal.

¹⁶ SILVEIRA, Trabalho e condição feminina em São Luís na virada do século (1880-1910), 2008. p.22.

¹⁷ PRAZERES, Nos trilhos do progresso, 2011. pp. 24/25.

¹⁸ PRAZERES, Nos trilhos do progresso, 2011. pp.24/25.

Em plena I Guerra Mundial, o Maranhão teve outro surto econômico. Esse efêmero investimento é a produção de óleo de babaçu, que foi notavelmente valorizado nesse período. Surpreendentemente lucrativo, a produção dessa oleaginosa trouxe para o Maranhão vários investimentos estrangeiros, com implantações de fabricas beneficentes.

A partir de estudo feito por Ferreira, temos as seguintes companhias que aqui se instalaram:

A Norueguesa The Oversea Company Ltda, da belga Companhia Turiense, das francesas Companhia de Culturas de Plantas Tropicais e da Companhia Agrícola de Pinheiro, além da norte americana Brazilian Babaçu Corporation.¹⁹

Houve por parte do governo, alguns investimentos no setor de transportes, como ferrovias e também na navegação. Meios para aliviar as perdas adquiridas com o fracasso do parque fabril. De acordo com Antonio José de Araújo Ferreira:

Entre 1910 e 1914 o governador Luís Domingues tentou, sem sucesso, impulsionar os navios da Empresa Maranhense de navegação porque as áreas de produção às margens dos principais rios foram, gradativamente, abandonadas em função do arrefecimento da indústria têxtil²⁰.

De todo modo, o panorama econômico do Maranhão também pode ser mais bem compreendido por meio dos relatórios da Associação Comercial do Maranhão. Esta instituição entrou em vigor em 21 de agosto de 1854 e foi fundada como a Comissão de Praça por um grupo de comerciantes mediante um processo eleitoral, a fim de fazer um levantamento sobre a economia maranhense durante esse período de crise. Viveiros registrou o clima com que esses agentes econômicos lidavam nesse quadro de crise:

“Ao Corpo Legislativo da Província pouco pode pedir o comércio, porque reconhecendo os recursos do Tesouro Provincial, sabe que ele não

¹⁹ FERREIRA,,Políticas territoriais e a reorganização do espaço maranhense 2008. p. 121.

²⁰ FERREIRA,,Políticas territoriais e a reorganização do espaço maranhense 2008. p. 120

está habilitado para realizar todos os melhoramentos que são precisos a bem da lavoura, que é a única fonte de produção e riqueza que temos”.

E perguntava: “Pode a Província melhorar o estado dos rios suscetíveis à navegação? Não.

“Pode abrir estradas de rodagem, garantir juro a caminhos de ferro, estender fios telegráficos? ” Não.

“Pode sequer, dispensar os impostos de exportação que pesam sobre o açúcar e algodão e outros gêneros de produção da Província? Infelizmente nem isso pode suportar o Tesouro, porque se tal supressão se desse, não poderiam ser mantidos os encargos indispensáveis para regular a marcha dos negócios públicos²¹”.

Diante da situação econômica do Maranhão, logo se presume o tortuoso caminho que seguiria a Associação. A grande lavoura, sustentáculo da economia, estava em crise profunda. Segundo Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, a causa da precária lavoura maranhense “estava nas condições econômicas do país e na do lavrador”.

Viveiros afirma que para soerguer a grande lavoura é preciso algumas reformas, pois:

“A prosperidade da Província depende pura e exclusivamente da reforma radical dos processos seguidos até hoje, transformando a pequena cultura do braço do homem na grande cultura mecânica, e substituindo o sistema intensivo das culturas contínuas²²”.

Assim como Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, outra liderança, Martinus Hoyer, contribuiu consideravelmente com seus estudos e sua larga experiência para melhorar a atividade comercial da Província, sendo ele mesmo exportador de semente de babaçu e administrador do engenho central São Pedro, localizado em Pindaré-Mirim. Ele alertou os comerciantes sobre a necessidade da mudança e adaptação, para que a lavoura fosse mecanizada e a mão de obra fosse assalariada, contudo foi ignorado e anos depois, com a Abolição da escravidão, muitos fazendeiros faliram, tendo que vender suas terras por valores ínfimos, sendo assim, cumprida a profecia de Martinus Hoyer.

²¹ VIVEIROS. História do comércio do maranhão, vol. II; 1992. pp. 465/466.

²² VIVEIROS, História do comércio do maranhão, vol. II; 1992. p. 456.

Em seu artigo, citado por Sérgio Vieira, importante fazendeiro de São Luís e proprietário da fazenda Santa Bárbara, Martinus retrata a situação da lavoura, de forma que:

Luta a lavoura da Província, há anos, com adversa fortuna. Seus produtos acham-se depreciados pela esmagadora concorrência de produtores mais adiantados e felizes, sobre quem não pesa o iníquo anti-econômico imposto de exportação, o qual nesta Província absorve atualmente nada menos que a quinta parte do líquido dos referidos produtos!²³

Neste mesmo artigo discorre sobre as péssimas colheitas por conta das estiagens, além da falta de braços, algo que ficava cada vez mais acentuado. Desta forma, no Maranhão temos o seguinte panorama:

Suas colheitas tem sido escassíssimas, devido às irregularidades das estações; e finalmente, de dia em dia, diminuem os braços que a custeam, e que para liquidação de seu débito passivo, são em larga escala exportados para as prósperas Províncias do sul. Em tais circunstâncias, não pode a lavoura encarar sem terror a época mais ou menos próxima, em que, extinto elemento servil na Província, faltar-lhe-ão absolutamente os braços válidos, sem que ela tenha podido, por meio de uma inteligente aplicação de processos agrícolas adiantados, aumentar a produção e reconstituir o capital que hoje tem imobilizado em escravos”²⁴.

É importante ressaltar que Martinus faleceu sete anos antes da Abolição, que há tempos “batia à porta” e pela qual era favorável. Com sua perspicácia previu a ruína daqueles que não queriam aderir às mudanças necessárias para a adoção de mão de obra assalariada e consideravam a melhor forma de manter os negócios seguros. Em seu primeiro livro, *Estudos sobre as Instituições de crédito real – 1875*, Martinus Hoyer discorreu sobre sua expectativa quanto ao fim da escravidão:

Magnífico é, sem dúvida, espetáculo que se patenteia aos nossos olhos. Não mais nasce nesse país de liberdade uma só criatura humana condenada à escravidão. Cada cidadão impõe a si próprio o dever de contribuir direta ou indiretamente para a gradual extinção da dolorosa enfermidade que aflige a nação desde os tempos coloniais, e que lhe tem

²³ VIVEIROS, História do comércio do maranhão, vol. II; 1992. p.457.

²⁴ VIVEIROS, História do comércio do maranhão, vol. II; 1992. p.457.

entorpecido o progresso moral e material. Todos trazem o seu quinhão, grande ou pequeno, para extirpar esse cancro social, e dentro de poucos anos, em muito menos tempo talvez do que geralmente se calcula, os variados elementos que se combinam para levar avante a grande obra civilizadora, terão acabado com a escravidão no Brasil, isto sem violência, sem revolução política e quase sem abalos e sofrimentos²⁵.

A abolição apesar de ser inevitável, não foi planejada. Os ingleses pressionaram, visto que necessitavam de mercado para consumir seus produtos industrializados e não seriam os escravos capazes de consumir, eram necessários trabalhadores assalariados. Assim se configurou a tão idealizada abolição, sem o planejamento necessário para essa transição de cativos para libertos.

Hoyer continua sua pregação:

Dizeis que a ignorância produz os criminosos, porque tendes observado que os crimes diminuem à proporção que diminui a ignorância das massas. Sois, porém vítima de uma ilusão: o que produz os criminosos não é a ignorância, é principalmente o embrutecimento produzido pela miséria, que nasce unicamente na opressão. Experimentai a liberdade, e vereis como ela espanca e dissipa a um tempo o embrutecimento, fazendo diminuir os crimes, porque a riqueza e o bem estar social, que facilitam a instrução, são suas consequências infalíveis e naturais²⁶.

É possível sintetizar os percalços da economia maranhense tomando por base a análise de Viveiros a partir dos relatórios anuais da Associação Comercial do Maranhão, no período de 1878 a 1890. No primeiro ano, 1878, temos apenas informações sobre os sócios e as anuidades, que custava dez mil réis. Já no ano seguinte, 1879, há congratulações aos empresários do Engenho São Pedro. Em 1880 e 1881, registraram-se reclamações sobre o porto, a estrada de ferro, o prédio da Alfândega e os armazéns do tesouro.

Até então eram relatados apenas os acontecimentos comerciais, porém em 1882, temos um relatório crítico, que consiste em melhor análise da atuação da Associação. Inglaterra, Portugal, França e Alemanha, e em segundo plano Estados

²⁵ VIVEIROS, História do comércio do maranhão, vol. II; 1992. p. 500.

²⁶ VIVEIROS, História do comércio do maranhão, vol. II; 1992. p. 505.

Unidos, são os principais parceiros comerciais da Província, enviando seus produtos industrializados e recebendo produtos da agricultura, principalmente algodão e açúcar. Faz-se uma ressalva aos competidores do algodão e do açúcar, em que eles eram superiores. Apesar de o algodão ser de qualidade, era mal preparado e o açúcar de péssima qualidade, sempre atentando aos lavradores, que “na competência que têm de sustentar nos mercados para onde são remetidos seus produtos, mais lucrará aquele que mais e melhor produzir”²⁷.

No ano seguinte, 1883, Temístocles Aranha, o presidente, promoveu uma grande exposição de açúcar e algodão, com premiações. Porém, é digno de nota um ofício da Associação Comercial à Assembleia Legislativa, em que são esclarecidas as dificuldades financeiras do Tesouro Provincial.

Nos anos de 1884 a 1886, houve apenas um relatório para os três anos, publicado no Diário do Maranhão. Temos relatado o desânimo que acometia os dirigentes da Associação, nesse momento procuraram por substitutos. Também foi registrada uma reclamação contra o Governo, que insistia em utilizar óleo de colza francês, que era inferior e mais caro que o óleo de babaçu. Com potencialidade de ser produzido em abundância na Província, desenvolveria essa indústria, todavia o governo não incentivava. Outra reclamação dizia respeito à falta de pólvora nos fortes, que os comandantes só recebiam após muita insistência, demorando de seis a oito meses, apesar de ser no Maranhão o lugar onde se produzia pólvora de melhor qualidade que a trazida de Portugal, além de ser mais barata. Outro registro foi de uma nova exposição de algodão e açúcar, que foi mais imponente que a primeira.

No relatório de 1887, a Associação Comercial convocou os lavradores para uma conferência sobre a crise instalada na lavoura, no momento em que a Abolição já era dada como certa. A iniciativa visava procurar soluções para a lavoura não definhar, bem como ver a possibilidade de transformar os libertos em trabalhadores agrícolas e pedir o apoio do Governo para introduzir imigrantes.

Segundo Viveiros, o relatório de 1888 é o mais importante, e sua avaliação decorre do fato de que “todo ele toma como tema as providências que o comércio e a

²⁷ VIVEIROS, História do comércio do maranhão, vol. II; 1992. p. 461.

lavoura vinham pondo em prática na solução do grave problema que era substituir o braço escravo pelo livre”. Assim o relatório foi dividido em partes que correspondiam aos melhoramentos que a Província carecia, merecendo destaque a lavoura.

Este relatório revela a necessidade de adaptação com a nova realidade, em outras palavras, o trabalho assalariado deveria ser pensado como uma solução, mas no caso da Província do Maranhão, a falta de mão-de-obra foi preponderante na crise que já despontava a algum tempo na lavoura.

Lavoura – Ao contrário do que era de esperar em vista da lição dos economistas quanto ao resultado do trabalho livre comparado com o do escravo, depois da lei de 13 de maio, está quase aniquilada a lavoura da Província: Perdeu-se mais da metade da colheita de cereais, de algodão e de cana, principalmente porque a maioria dos libertos abandonou o serviço, e fazendo pernicioso uso da liberdade, entrega-se a inação, e alguns desses libertos em diversos lugares tem perturbado a ordem social”²⁸.

Ainda nesse relatório temos manifestada a reação dessa elite comercial em relação aos libertos e ao 13 de maio, uma reação carregada de preconceito. Assim diz o relatório:

A falta de leis opressoras da ociosidade e fomentadoras do trabalho e de medidas que deveriam ter precedido ou acompanhado a publicação da lei de 13 de maio é sem dúvida a causa da desorganização do trabalho agrícola e de outros males, para debelar os quais conjuramos os poderes constituídos, a quem cumpre velar pelo bem público, e invocamos o auxílio da divina Providência²⁹.

Um relato importante foi concernente ao mau estado do câmbio e do comércio, consignando também a crença da Associação na imigração e na colonização estrangeira e discorrendo sobre os projetos do Governo para reerguer o Maranhão, como a montagem de uma usina agrícola em Caxias e uma fábrica de papel em São Luís.

²⁸ VIVEIROS, História do comércio do maranhão, vol. II; 1992. p. 469.

²⁹ VIVEIROS, História do comércio do maranhão, vol. II; 1992. p. 469.

Os relatórios de 1889 e 1890 tratam do agravamento da crise na lavoura, da redução dos produtos agrícolas e principalmente da implantação das fábricas, onde o capital estava imobilizado. Assim, registra Viveiros:

Reconhecemos as vantagens resultantes do desenvolvimento da indústria, mas receamos que sendo esse desenvolvimento superior à força monetária deste Estado, o resultado não seja igual ao que se poderia obter, se fosse realizado na proporção dos recursos existentes³⁰.

Por intermédio desses relatórios é possível constatar que houve interesse da elite por avigorar a grande lavoura, porém não aconteceu porque a maioria não teve capacidade para lidar com os problemas que esta vinha enfrentando, principalmente em relação ao aprimoramento do cultivo e da colheita, à mão de obra e ao melhoramento do produto. Mas devemos atentar para os relatores que, assim como Viveiros, são elitistas e fruto da grande lavoura. Mesmo restando pouco das fazendas e dos engenhos que reinaram em décadas anteriores, a economia do Maranhão não estancou e ainda contava com os pequenos produtores e o comércio.

A esse respeito, Regina Faria imprime que o comércio continuava vivo e a população aumentando, pois:

Há vários indícios que fortalecem essa compreensão, não houve êxodo populacional e o número dos seus habitantes continuou aumentando; novas áreas foram conquistadas aos índios, avançando as fronteiras agrícola e pecuária; e outras atividades econômicas foram implementadas³¹.

Em contradição com os elitistas contemporâneos à crise, ela afirma que o Maranhão *não estava em uma involução progressiva*, porém se comparado às províncias cafeeiras do sul, é notável a diferença, pois não tem o Maranhão o mesmo ritmo de décadas atrás, algo recorrente também em todas as províncias do nordeste. Outros fatores que reforçam essa contradição é a atuação do setor bancário, o melhoramento da navegação e também de serviços urbanos, reivindicados há muito tempo.

³⁰ VIVEIROS, História do comércio do maranhão, vol. II; 1992. p. 471.

³¹ FARIA, Mundo do trabalho no Maranhão Oitocentista, 2012. p. 48.

A produção em pequena escala torna-se essencial para os maranhenses, principalmente nas zonas rurais, assim destacados por Lacroix:

No despontar do século XX, a preponderância da roça cultivada por moradores foreiros dos grandes proprietários, por posseiros em terras devolutas e por imigrantes nordestinos assentados em terras municipais em diversificadas plantações modificou o meio rural maranhense.³²

Com efeito, é possível concluir que a economia maranhense passava por um momento de mudanças e adaptações decorrente de vários fatores já citados. Ressaltando que a ideia de estagnação ou retardamento é descartada. Temos sim um atraso no que diz respeito à grande lavoura, no entanto a economia se mantém viva por outros meios, como a produção agrícola em menor escala mantida por pequenos lavradores. Decadência foi um termo extremamente utilizado por aqueles que sofreram diretamente com a crise na lavoura e que eram dependentes desta para manter seu status – a elite. É de fácil compreensão que a historiografia contemporânea à crise tenha se apegado tanto ao termo decadência, pois principalmente os intelectuais que discorriam sobre essa crise foram vitimados por ela.

³²LACROIX, A fundação Francesa de São Luís e seus Mitos, 2002. p.18.

2. PANORAMA CULTURAL: RENASCIMENTO CULTURAL

O panorama cultural do Maranhão na virada do século XIX é caracterizado pela gênese da terceira geração literária, embalados por avigorar a Atenas Brasileira. Dessa geração surgiram vários nomes da literatura, entre eles, Antônio Lobo, Fran Pacheco, Nascimento Moraes, Inácio Xavier de Carvalho, entre outros.

Nesse contexto, duas gerações literárias já escreveram formidáveis capítulos da literatura maranhense. A primeira geração é nomeada Grupo Maranhense da Literatura Nacional (1832-1868), composta por Gonçalves Dias, João Lisboa, Odorico Mendes, Sotero dos Reis e Gomes de Sousa. Foram eles os *prógonos referenciais do panteão maranhense*, “projetados à visibilidade nacional, quer pela atuação política, quer pela contribuição nas letras ou às ciências da pátria”.³³

A elite letrada, composta principalmente por fazendeiros e comerciantes, alcançou um nível de vida opulento por meio da riqueza suscitada pela produção das grandes lavouras e pela monocultura, baseadas na mão de obra escrava. Toda essa fartura permitiu que frequentassem renomadas universidades no Brasil e na Europa, compondo assim, uma nata social letrada em São Luís. Essa opulência foi responsável pela concepção do mito da Atenas Brasileira, o que seria condizente com seu estado de efervescência econômica, social e cultural. Contudo, devemos apreender que o mito, em sua gênese não exaltava o Maranhão, mas sim seus filhos ilustres. Borralho ao analisar o discurso de João Lisboa sobre essa temática presume:

É que, segundo ele, a expressão Athenas, quando da evocação inicial, não se remetia ao Maranhão por suas condições sociais, mas aos filhos ilustres “deste impagável Maranhão” (1865, p. 556). Portanto, das vezes em que apareceu a adjetivação, dizia respeito à qualidade dos filhos ilustres que se tornaram ilustres, não por terem nascido no Maranhão, mas “apesar de”. A expressão “Athenas Brasileira” só se tornaria recorrente depois do seu surgimento³⁴.

De acordo com o relatório da Província do Maranhão, “a instrução pública, que se acha muito divulgada na província do Maranhão, tem atingido na capital tão elevado

³³ MARTINS, Operários da saudade, 2006. p.91.

³⁴ BORRALHO, Terra e céu de nostalgia, 2000. p. 35.

grao de desenvolvimento que a cidade de S. Luiz é denominada a Athenas Brasileira”.³⁵

A primeira geração emerge com a grande produção do algodão e do arroz, e a segunda, com as riquezas geradas pelos engenhos de açúcar. Ambos foram beneficiados pelo trabalho escravo, e mesmo, almejando uma sociedade igualitária, “essa elite maranhense foi cultivada na estufa da escravidão.”³⁶

A segunda geração (1868-1894) surgiu fundamentada em novas ideias de cunho europeu, que envolviam os novos parâmetros da política e da ciência. A maioria dos seus componentes formou-se em Recife, alguns na Bahia e outros no Rio de Janeiro, bem poucos fora do país. Porém a principal característica dessa geração é a emigração. Estes letrados discursavam longe do seu torrão natalício, como expressa Martins:

Em verdade, a atuação dessa elite letrada da segunda floração de atenienses quedava comprometida pela sensação de desconforto reinante no terreno movediço regional sob seus pés, em face da detecção de sinais de decadência no tecido socioeconômico da realidade maranhense, traduzida entre outros: pelo definhamento de padrões de prosperidade e de crescimento econômico; pelas incertezas de cenários políticos delineados; enfim, pelo declínio do ambiente de agitação cultural, motivado pelo desfalque corriqueiro e membros da elite intelectual local, por morte ou emigração³⁷.

Esse egresso já era presente desde a primeira geração, visto que desta geração, os literatos que tiveram maior visibilidade não moravam em São Luís. Quase todos os que se consagraram nacionalmente tiveram esse reconhecimento de fora para dentro. Neste caso temos Gonçalves Dias, João Lisboa e Odorico Mendes.

Porém, na segunda geração, esse fluxo foi muito mais intenso. Poucos foram os que ficaram por estas plagas, entre eles, Celso Magalhães, Ribeiro do Amaral, Justo Jansen, Barbosa de Godóis, Almir Nina e Manuel Bèthencourt. Os que tiveram

³⁵ A província do Maranhão e a imigração. Guia do Immigrante. 1888.

³⁶ MARTINS, Operários da saudade, 2006. p. 89

³⁷ MARTINS, Operários da saudade, 2006. pp. 98/99

maior notoriedade estavam em outros lugares. No centro sul, como a maioria ou na então na Amazônia.

Em suas memórias, Humberto de Campos discorre a respeito desse processo de emigração em que “o Maranhão ressonava, desde o crepúsculo vespéral da monarquia, quando haviam emigrado para o Sul e para o Norte os mais belos espíritos que a província então produzira, num fundo sono, vizinho da morte”.³⁸

Dorian Azevedo evidencia a densidade desse processo, pois:

[...] dos 78 intelectuais maranhenses de maior evidência no âmbito de consagração literária, 61 formaram-se fora da Província, grande parte na Europa, e, posteriormente, com o surgimento das primeiras faculdades do Brasil, estudaram em Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. Os dados revelaram também que do total pesquisado, 37 estudaram e radicaram-se fora do Maranhão, 22 estudaram fora e retornaram para morar na Província. E por último, a informação de que 16 intelectuais estudaram no Maranhão e adquiriram conhecimento através das leituras de publicações importadas e do incentivo dos primeiros mestres³⁹.

De acordo com Ana Caroline Neres Castro, além dos problemas econômicos no Maranhão, um fator predominante que impediu o retorno de muitos intelectuais maranhenses foi a falta de uma política educacional. Portanto:

Na verdade não havia um ambiente literário propício para que esses escritores desejassem permanecer no Maranhão exercendo suas atividades literárias, porque como já foi visto, não havia uma educação voltada para a formação de um mercado consumidor capaz de absorver satisfatoriamente as obras desses literatos, nem havia uma sociedade educada a ponto de valorizar seus intelectuais, que em sua maioria alcançaram o reconhecimento depois de sua morte, ou em outras regiões depois de abandonarem a capital maranhense.⁴⁰

Segundo Borralho, os *nomes-símbolos* dessas duas gerações foram Viriato Corrêa, Humberto de Campos, Benedito Leite, Graça Aranha, Arthur Azevedo, Aluízio

³⁸ CAMPOS, Memórias inacabadas, 1960. p. 64

³⁹ CASTRO, Atenas Brasileira X Babilônia de exílio, 2007. Apud Dorian Azevedo, 2006, p. 26.

⁴⁰ CASTRO, Atenas Brasileira X Babilônia de exílio, 2007. p. 68.

Azevedo, Raimundo Corrêa, Coelho Neto, Celso Magalhães, Sousândrade, Antônio Henriques Leal, César Augusto Marques, Lisboa Serra, Pedro Nunes Leal, Belarmino de Matos, Gentil Homem d’Almeida Braga, Antônio Joaquim Franco de Sá, Francisco Dias Carneiro, Joaquim Serra, Trajano Galvão, Cândido Mendes, Gomes de Sousa, João Francisco Lisboa, Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Sotero dos Reis.

Mesmo com tantos intelectuais, o Maranhão era extremamente analfabeto. Esses letrados se concentravam, em sua maioria na capital, alguns poucos estavam nos interiores. Portanto, o mito da Atenas Brasileira se referia a essa pequena parcela da sociedade, os autoproclamados atenienses. A elite letrada maranhense utilizou-se desse *status* para manter as aparências no período de recessão econômica que estavam atravessando, criando assim, um ambiente postiço.

2.1 O despertar da Atenas Brasileira

Segundo a tradição historiográfica, no período em que atuavam os *Atenienses* (1868 – 1894), que seriam os membros pertencentes à segunda geração, a *Atenas Brasileira*, mesmo com uma gama de intelectuais relevante, não conseguiu manter-se coesa. Depreende-se que, diante do Grupo Maranhense (1832-1868), os Atenienses eram inferiorizados. Dessa forma um era ofuscado para que o outro flamejasse. Então, como reascender uma chama que supostamente não existiu, pelo menos não da forma como é exaltada? A discussão que adorna essa questão se remete ao *Decadentismo*, assim apontado por Ana Caroline Castro:

O *Decadentismo* (1894 – 1932) não existiu, pelo menos não da forma exagerada, romântica e saudosista como é apresentado. Esse período, na realidade, foi assim rotulado pelos *clássicos* da Literatura para dar luz, foco, ao período que o antecedeu (Atenienses), que por sinal sofreu muitas críticas, da mesma forma que Reis Carvalho inferiorizou os Atenienses em detrimento do *Grupo Maranhense*⁴¹.

Nessa conjuntura que surgem *Os Novos Atenienses*. “Seriam estes os responsáveis por reavivar os latentes projetos de intervenção efetiva nesse estado de coisas estiolante e acabrunhador”⁴². Estes literatos se empenharam em avigorar a

⁴¹ CASTRO, Atenas Brasileira X Babilônia de exílio: 2007. p. 57.

⁴² MARTINS, Operários da saudade, 2006. p. 121.

sociedade intelectual e cultural de São Luís diante de uma situação social e econômica desconfortável com o ensejo de representar a geração ateniense de maneira renovada e revigorada.

A esse respeito, Martins enfatiza que:

Para esses letrados, o Maranhão deveria ser repensado desde suas entranhas mais profundas; nesse sentido, a eles competia realizar o mapeamento dos entraves paralisantes da vida ativa regional e indicar alguma projeção de futuro que engendrasses uma realidade estadual renovada, revigorada pelo influxo de tempos fáusticos, tomados como referências imorredouras⁴³.

Desse modo foi instituída a renovação literária carecida na Atenas Brasileira. A terceira geração (1894-1932) foi denominada por Antonio Lobo de: *Os Novos Atenienses*. “Lobo conclamou a juventude maranhense da cidade de São Luís a vencer o marasmo intelectual em que se encontrava, seu objetivo era restaurar o brilho da autoproclamada Atenas Brasileira”⁴⁴.

A terceira geração germinou nos primeiros anos da República, alavancada por ideias inovadoras e modernizantes, porém com resquícios de valores aristocráticos, exaltando os seus prógonos através da releitura e reinvenção do passado glorioso da Atenas Brasileira. Segundo Martins:

Por conseguinte, os intelectuais maranhenses da terceira geração incrustada num panteão de helênicas referências passaram a interferir no interior da realidade maranhense tendo como pano de fundo a inevitabilidade dos choques entre o tradicional e o novo, o antigo e o moderno, o eterno retorno e o progresso por evolução retilínea⁴⁵.

Esse renascimento foi marcado, de acordo com Lobo, pelo discurso proferido por Coelho Neto, em visita ao Maranhão no ano 1899, a serviço da Comissão Central dos Festejos Comemorativos do Quarto Centenário da Descoberta, de forma que “data, com efeito, da passagem de Coelho Neto pelo Maranhão, o início da vigorosa

⁴³ MARTINS, Operários da saudade, 2006. p. 56.

⁴⁴ BRÁS, Os marginalizados pela república, 2014. p. 25.

⁴⁵ MARTINS, Operários da saudade, 2006; p. 132.

e promissora renascença literária a que de presente assistimos”⁴⁶. Essa conferência ocorreu na Biblioteca Pública, que era gerida por Antonio Lobo

Assim descreveu Lobo:

O brinde de honra, a que Coelho Neto respondeu, numa peça oratória emocionada e brilhante, foi-lhe feito pelo único sobrevivente da grande e fecunda geração literária de outros tempos, o poeta do Guesa Errante, Joaquim de Sousândrade. E nessa troca de cumprimentos entre o velho e o moço, entre o batalhador que chegava exausto das lutas ingentes do passado, carregado de anos de glórias, e outro que, por entre os triunfos promissores do presente, demandava vigoroso a consagração definitiva do futuro, houve alguém que visse, palpitante de entusiasmo e de esperanças, o símbolo grandioso de duas gerações literárias que se dessem as mãos, por cima dos anos tristes de decadência mental que entre uma e outra se cavavam, para depois, unidas e fortes, prosseguirem na tarefa nobre do restabelecimento dos créditos mentais da terra feliz que lhes serviu de berço. E não se enganava esse alguém nas suas emocionadas previsões.⁴⁷

A visita e o discurso de Coelho Neto, de acordo com Lobo, legitimaram a nova geração literária, evidenciando que “o moderno é exaltado através do antigo”⁴⁸. Em contrapartida, essa posição adotada por Lobo foi severamente criticada por Moraes. “Mas se os talentos influem de modo a levantar o meio literário do abatimento, não era preciso que Coelho Neto nos visitasse”⁴⁹.

Nascimento Moraes depreende que havia outros intelectuais de igual importância que já estavam atuando no cenário literário, sendo desnecessária a visita de Coelho Neto para legitimar a terceira geração.

Moraes implica que os intelectuais que residiam no Maranhão e tinham contato com a juventude possuíam tanta influência quanto Coelho Neto, pois:

Tínhamos entre nós o Sousândrade, e o próprio Bithencourt que, baseando-nos mesmo nas palavras com que Lobo os cumprimentou, não

⁴⁶ LOBO, Os Novos Atenienses, 2008, p. 14

⁴⁷ LOBO, Os Novos Atenienses, 2008. p. 46.

⁴⁸ LE GOFF, Memória e história, 1992. p. 176.

⁴⁹ MACHADO, A escrita polêmica de José do Nascimento Moraes. 1982. p. 25.

podia ser inferior ao Netto, acrescentando a circunstância de viver entre nós, e de exercer, pelo professorado, real influência na mocidade, como Lobo atesta!⁵⁰

2.2. Desmistificando as ruínas de Tebas

A atuação dos Novos Atenenses na sociedade maranhense, contrariando o que nos sugere a historiografia regional, foi de extrema importância para o Maranhão. A respeito do movimento causado por essa nova geração de intelectuais, Martins afirma que:

Por conseguinte, os intelectuais maranhenses da terceira geração do panteão ateniense passaram a interferir na realidade inclusiva tendo como pano de fundo a inevitabilidade dos choques entre o novo e o tradicional, o antigo e o moderno, o eterno retorno e o progresso por evolução retilínea, buscando, evidentemente, identificar os melhores ângulos para transformar a mitologia da Atenas Brasileira em ficção orientadora do processo de construção da identidade regional⁵¹.

Esses intelectuais atuaram em diversas áreas, diversificando a cultura maranhense e somando esforços para consolidar a *nova aurora*. Os Novos Atenenses foram acometidos pela “falta de seriação de ideias”, pois seus prógonos não constituíram um trabalho que pudesse ser continuado, dessa forma faltou a “deixa” para que essa nova geração literária realizasse um trabalho de continuidade. Diante dessa realidade, os novos atenienses, diferentemente dos seus prógonos, compuseram um terreno fértil para uma produção intelectual póstuma.

Em vista disso, Martins implica que:

Dessa maneira, ao reabilitarem o convívio com os dinamismos específicos da vida cultural regional, assentaram bases para que ela pudesse caminhar minimamente sobre seus próprios pés, estabeleceram a sementeira, bastando, conforme criam, adubá-la e regá-la para que a colheita se revelasse minimamente pródiga.⁵²

⁵⁰ MACHADO, A escrita polêmica de José do Nascimento Moraes. 1982. p. 26.

⁵¹ MARTINS, Rachaduras solares e epigonismos provincianos, 2002. p. 72.

⁵² MARTINS, Operários da saudade, 2006. p. 144.

Os *Operários da Saudade* conseguiram revigorar o cenário intelectual por meio de órgãos públicos inaugurados nesse momento de efervescência cultural. O Liceu Maranhense e, especialmente, a Biblioteca Pública e o Centro Caixeiral atuaram, nesse momento, na vanguarda do movimento de renovação cultural do Maranhão⁵³.

É válido mencionar a criação da Escola Normal, da Escola de Música, da Faculdade de Direito em 1918, da Faculdade de Farmácia e Odontologia em 1922 e do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão em 1925.

Visto isso, fica evidente a grande atuação desses intelectuais, considerando que o panorama do Maranhão, de forma geral estava fanado, portanto, remontar o cenário em que a primeira geração se firmou era infactível. Outro fator que distanciavam essas gerações era o tipo de discurso proferido pelo Grupo Maranhense, pois:

Do ponto de vista das idéias afirmadoras e defendidas, os integrantes do Grupo Maranhense praticamente não produziram elementos de comunicabilidade recíproca incentivadora de intercâmbios duradouros, tendo como vetor uma produção intelectual articulada, orgânica e modelar.⁵⁴

Podemos elucidar que as obras dos intelectuais que faziam parte do Grupo Maranhense eram tão singulares que se tornaram desarmônicas. As gerações seguintes, neste caso, os Novos Atenienses foram prejudicados por essa descontinuidade. “Esses “operários da saudade” atuaram, pois, tendo como material básico de reflexão o produto dessa experiência intelectual desconexa”.⁵⁵

A terceira geração proporcionou aos maranhenses uma vida cultural agitada, um renascimento intelectual que abrangeu diversas estâncias da sociedade, além da preocupação dos Novos Atenienses em deixar vínculos que fizessem de suas obras contemporâneas e contínuas. Segundo Araújo, esses intelectuais foram proeminentes para essa revitalização cultural, pois:

os homens de ciências e de letras da geração neo-ateniense “escreveram” a cidade, elaboraram um discurso que tentava conciliar a

⁵³ MARTINS, *Operários da saudade*, 2006. p. 176.

⁵⁴ MARTINS, *Operários da saudade*, 2006. p. 137.

⁵⁵ MARTINS, *Operários da saudade*, 2006. p. 139.

saudade do passado ateniense e um desejo de um presente que se queria ler moderno e civilizado⁵⁶.

Já proferida a legitimação dos Novos Atenienses, estes procuraram acender a chama intelectual do Maranhão. A sensação de renascimento foi determinante para permanência e atuação dos Novos Atenienses, que se expressaram das mais diversas formas e em todos os âmbitos da sociedade.

Manoel Barros Martins elucida que:

Os Novos Atenienses, como se autoproclamava a “*mocidade estudiosa*” envolvida com projetos de revitalização do cenário cultural maranhense, constituíam um grupo mais ou menos coeso de jovens intelectuais conscientes da distância geracional, e por vezes, geográfica, que os separava dos prógonos instituidores da Atenas Brasileira.⁵⁷

Sua gênese ocorreu oficialmente, na publicação da obra de Inácio Xavier de Carvalho, *Frutos Selvagens*. Porém, é imprescindível citar os grandes intelectuais que deram base para que essa terceira geração pudesse remontar a Atenas Brasileira.

Ribeiro do Amaral, Manoel de Bèthencourt, Justo Jansen Ferreira e Antonio Baptista Barbosa de Godóis. Estes intelectuais foram contemporâneos à segunda geração, porém deram suporte para que a terceira geração florescesse.

Ribeiro do Amaral (1853-1927) foi um prodigioso professor e atuou diretamente na educação dos jovens maranhenses. Dirigiu e lecionou no Liceu Maranhense e no Colégio São Paulo, este último foi fundado por ele. Além disso, foi responsável pela reorganização da Biblioteca Pública, onde foi nomeado diretor no dia 13 de abril de 1896, permanecendo até o dia 16 de agosto do mesmo ano. Alguns anos depois voltou a dirigir este mesmo órgão, desta vez com a estadia mais longa. De 19 de agosto de 1910 a 21 de julho de 1913.

Também foi atuante no ramo da imprensa, onde dirigiu a Imprensa Oficial. Foi um dos fundadores do IHGM e colecionador de jornais de várias províncias. Seu acervo se encontra atualmente na Biblioteca Pública Benedito Leite, inclusive o

⁵⁶ ARAÚJO, Em nome da cidade vencida, 2011. p. 65.

⁵⁷ MARTINS, Operários da saudade, 2006. p. 117.

primeiro jornal do Maranhão, *O Conciliador*. Esteve ligado diretamente aos Novos Atenienses, sendo um dos fundadores da Academia Maranhense de Letras.

Nessa conjuntura Amaral publicou diversos estudos e especialmente os que levavam o título de Maranhão histórico foram reunidas pelo escritor Luiz de Mello e publicadas postumamente dando origem ao livro *Maranhão Histórico*. Ribeiro do Amaral se dedicou quase que exclusivamente a estudar o Maranhão, “afora o opúsculo sobre o conde de Escragnole e um livro sobre a fundação de Belém”⁵⁸.

Ribeiro do Amaral dedicou sua vida a estudar *as coisas* do seu torrão natalício, e o fez em vários aspectos, passando pelos limites geográficos aos estudos históricos sobre a Balaiada. A juventude que esteve em contato com ele pôde desfrutar do grande conhecimento de um conspícuo intelectual maranhense, assim definido por Martins:

Como um narrador contumaz da cena provinciana em sua dimensão histórica, esse autor legou ainda uma apreciável produção intelectual decorrente de sua atuação como colaborador em vários periódicos de São Luís.⁵⁹

Manuel de Béthencourt (1854 – 1916) foi outro colaborador e agitador dessa renovação literária maranhense. De origem portuguesa, naturalizou-se brasileiro e se afeiçoou ao Maranhão, contribuindo consideravelmente para com a sua cultura, principalmente na literatura e na imprensa. Béthencourt lecionou filosofia no Liceu Maranhense e por meio desse contato com a juventude secundarista pôde inflamar seu senso crítico e conquistar os futuros letrados do Maranhão.

Sua principal obra foi *A Crise (1902)*, nela problematizou dois grandes eventos que o Maranhão vivenciou - a Abolição da Escravidão (1888) e a Proclamação da República (1889). Por meio de suas aulas e de colunas nos jornais profere sobre as mazelas que assolam o Maranhão. Notável intelectual, assim descrito por Martins:

Foi, efetivamente, um polemista nato, um livre-pensador embasado e um docente comprometido com a juventude em bases mais arejadas que

⁵⁸ MARTINS, Operários da saudade, 2006. p. 149.

⁵⁹ MARTINS, Operários da saudade, 2006. p. 150.

aquelas disponíveis e ofertadas pelo modelo de educação tradicional vigente.⁶⁰

Justo Jansen Ferreira (1864 - 1930) também contribuiu significativamente com a gênese dos Novos Atenienses. Apesar de ser graduado em medicina, sempre exerceu sua carreira de geógrafo e professor. Conhecedor nato da geologia maranhense lecionou no Liceu Maranhense, na Escola Normal e no Instituto de Humanidades. Foi correspondente de algumas associações estrangeiras, entre elas Societé de Astronomie, de Paris e a Sociedade de Geografia, de Lisboa.

Somado a esse grupo de intelectuais temos ainda Antonio Baptista Barbosa de Godóis (1860-1923). Formado em direito pela Faculdade de Recife e professor da Escola Modelo e na Escola Normal, desta última foi gestor. Suas obras refletem suas experiências e expectativas do meio educacional. Foi dele a autoria do Hino maranhense.

2.4 Os Operários da Saudade

Os *Operários da Saudade*, assim caracterizado por Martins, representavam um grupo de intelectuais que reunidos, instituíram um novo legado literário no Maranhão. Com a contribuição dos literatos da segunda geração, já citados nesse trabalho, e a atuação desses intelectuais foi muito significativa. Nessa conjuntura, o Maranhão apresentou um expressivo enriquecimento cultural.

Numa primeira aproximação, é possível destacar que esses intelectuais procederam a uma intervenção intensa e profunda na vida do maranhense, durante o período eleito para a investigação, adotando uma postura francamente participativa e propositiva.⁶¹

Muitos foram os nomes que fizeram parte desse cenário. Temos Antonio Lobo e Nascimento Moraes como nomes símbolos dessa geração. Entretanto é essencial citar os demais intelectuais que juntamente com Lobo e Moraes restauraram o patrimônio literário maranhense. São eles:

- **Aquiles Faria Lisboa (27.09.1872 – 06.12.1955)**

⁶⁰ MARTINS, Operários da saudade, 2006. p. 151.

⁶¹ MARTINS, Operários da saudade, 2006. p. 114.

Aquiles Lisboa nasceu no município de Cururupu, litoral do Maranhão. De origem humilde, com muito esforço conseguiu concluir seus estudos no Liceu Maranhense. Depois formou em farmácia na Bahia e lá mesmo começou seu curso de medicina, terminando no Rio de Janeiro onde foi diretor do Jardim Botânico. Retornando ao Maranhão (1919), tornou-se prefeito de Cururupu (1925) e Governador do Maranhão (1935). Foi extremamente empenhado com as causas sociais, se dedicou à saúde, à educação e ao meio ambiente. Também foi voluntário na Guerra de Canudos. Fez grandes avanços no tratamento da hanseníase e da tuberculose no Maranhão.

- **Antônio Lopes da Cunha (25.12.1889 - 29.11.1950)**

Natural de Viana, era filho do Desembargador Manoel Lopes da Cunha e D. Maria de Jesus Sousa Lopes da Cunha. Formou-se em ciências jurídicas (1911) pela Faculdade de Recife e logo iniciou sua carreira literária. Ao retornar para o Maranhão, lecionou Literatura Brasileira no Liceu Maranhense e Filosofia na Faculdade de Direito. Foi redator em alguns jornais, entre eles “A Pacotilha” e também um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Seus estudos giravam em torno dos problemas que afligiam o Maranhão, principalmente os educacionais. Antônio Lopes deu continuidade aos seus estudos e graduou-se em Ciências e Letras pelo Liceu Maranhense e lá permaneceu como professor. Do mesmo modo foi atuante nas letras e na imprensa.

- **Domingos de Castro Perdigão (01.11.1872 – 05.01.1929)**

Natural da cidade de Pinheiro, onde estudou o primário. Depois continuou seus estudos em São Luís e Portugal. Retornou ao Maranhão por problemas de saúde. Foi Diretor Geral de Secretaria e participou de vários órgãos públicos, sendo também um dos fundadores da Faculdade de Direito (1918) e do Instituto Histórico e Geográfico (1925). Professor dedicado, Perdigão ainda foi diretor do Liceu Maranhense. Seus escritos tratavam principalmente sobre as tarefas dos servidores públicos, mas ele tratou de outros assuntos importantes como o naturismo (*o que se deve comer*) e formulou um plano de estudos para frequentadores da Biblioteca (*o que se deve ler*), este foi um projeto de grande importância para a educação. Ele classificava as leituras para devidas faixas etárias, sendo dividido em três fases. A primeira, Leituras

preparatórias – dos oito aos dez anos, a segunda “leituras educativas e instrutivas – dos 12 aos 15 anos” e a terceira, “leituras ilustrativas – dos 15 aos 18 anos”. Entre suas obras, destacam-se: Catálogo do Estado do Maranhão na Exposição Nacional de (1908), O Maranhão na Exposição Nacional de 1908; Álbum do Tricentenário (1612 – 1912); A Biblioteca Pública do Estado do Maranhão em 1914; Relatórios da Biblioteca Pública do Estado do Maranhão nos anos de 1915, 1916, 1917, 1918; A Biblioteca Pública do Estado do Maranhão em 1919, Imprensa Oficial; Exposições e feiras (Trabalhos apresentados ao Congresso de Agricultores) (1922); O Esperanto, As Bibliotecas Infantis; O Colégio Perdigão (trabalhos impressos nos Anais do Congresso Pedagógico).

- **Domingos Quadros Barbosa Álvares (28.11.1880 – 26.12.1946)**

Domingos Quadros atuou em várias estâncias, foi ligado ao jornalismo, à literatura e principalmente à política. Foi dirigente da Imprensa Oficial em três ocasiões (1908/1912/1913) e também Secretário Geral do Estado (1906-1910). Em 1911 foi eleito Deputado Estadual e em 1921 foi eleito Deputado Federal, sendo reeleito até 1930. Foi um dos instituidores da Academia Maranhense de Letras (1908), apoiou veementemente o movimento renascentista. Com sua influência, várias obras foram impressas, dando maior visibilidade aos seus pares. Foi também um exímio jornalista, colaborando com vários jornais, entre eles *Pacotilha* e o *Diário Oficial do Estado*. Publicou *As Cruzadas*, *Mosaicos* (contos, 1908); *O dominó vermelho* (contos, 1909); *Contos da minha terra* (1911); *Silhuetas* (perfis bibliográficos, 1911) e os Irmãos Azevedo, em *Conferências* (1936).

- **Manuel Francisco Paxeco (09.03.1874 – 17.09.1952)**

Fran Paxeco, como era conhecido, nasceu em Portugal, na cidade de Setúbal. Desde cedo seu gosto pelas letras ficou evidente, quando, aos 14 anos fundou o jornal *Gazeta Setubalense*⁶². Veio para o Brasil por questões políticas, primeiramente foi para o Rio de Janeiro, depois para o norte, chegando a Belém e Manaus, nestes lugares deferiu seu talento com breve atuação. Chegou a São Luís no dia 2 de maio de 1900, permanecendo por cerca de vinte anos. Foi um agitador cultural que

⁶² Disponível: www.academiamaranhense.org.br

contribuiu expressivamente com a renovação literária maranhense. Paxeco, juntamente com Lobo, iniciaram vários empreendimentos socioculturais para reanimar a *Atenas*. Fundou a “Oficina dos Novos, da Academia Maranhense de Letras, da Legião dos Atenienses e de numerosas outras instituições”.⁶³ Além disso, Paxeco também foi ligado ao movimento cultural regional, atuando expressivamente no jornalismo e na literatura. Também lecionou em escolas públicas e na Faculdade de Direito. Dessa maneira, produziu um acervo considerável, com publicações em vários lugares por onde passou, cerca de “60 títulos ao todo, onde 40 títulos foram publicados em São Luís, constituindo se de artigos de revistas e de jornais, relatórios, conferências, comédias e dramas.”⁶⁴ Fez um vasto estudo sobre o Maranhão, resultando nos livros: *O Maranhão e seus recursos*. São Luís: 1902; *Os interesses maranhenses*. São Luís: 1904; *O trabalho maranhense*. São Luís: 1916; *Geografia do Maranhão*. São Luís: Tipogravura Teixeira, 1923; *O Maranhão (subsídios históricos e corográficos)*. São Luís: Tipogravura Teixeira, 1913. A atuação de Fran Paxeco foi de indispensável para a constituição dos Novos Atenienses e para a revitalização cultural do Maranhão.

- **Inácio Xavier de Carvalho (26.08.1871 – 17.05.1944)**

Nascido em São Luís, Inácio Xavier de Carvalho graduou-se em direito pela Faculdade de Recife. Ao retornar para o Maranhão exerceu vários cargos importantes, entre eles promotor público, juiz municipal, além de lecionar no Liceu Maranhense. Operou no jornalismo e na literatura, foi um exímio poeta, participando do movimento renovação literária maranhense. Em 1893 lançou sua primeira obra intitulada *Frutos Selvagens* e, justamente com essa obra deu início a nova fase literária maranhense, denominada por Antonio Lobo de *Os Novos Atenienses*. Contudo, sua principal obra foi *Missas Negras* (1902), “nela, em expressões fortes e imagens penetrantes, sob a Chancela do Símbolo, o autor pincelou vários aspectos do Maranhão solapado pela decadência obsedante.”⁶⁵

⁶³ Disponível: www.academiamaranhense.org.br.

⁶⁴ MARTINS, Operários da saudade, 2006. p. 156.

⁶⁵ MARTINS, Operários da saudade, 2006. p. 155.

- **José Américo Olímpio Augusto Cavalcante dos Albuquerque Maranhão Sobrinho (25. 12. 1879 – 25.12. 1916)**

Nascido em Barra do Corda, veio para São Luís e 1899, matriculou-se na Escola Normal (1901), auxiliado por uma bolsa de estudos. Mas, por dissensões com seus professores, abandonou os estudos e se tornou um boêmio. Com a ajuda de alguns amigos, conhecedores do seu talento, ele foi para Belém. “Na capital paraense, colocou-se no jornal Notícias e passou a colaborar na tradicional Folha do Norte”.⁶⁶ Porém sua vida boêmia continuava aliada com sua carreira intelectual. Foi considerado um dos mais importantes poetas simbolistas de seu tempo, suas obras foram publicadas em São Luís, Belém e Manaus. Também participou da fundação da Academia Maranhense de Letras (1908). Faleceu aos 36 anos, deixando muitos dos seus trabalhos perdidos nas mesas dos bares.

- **Raimundo Lopes (28.09.1894 – 08.09.1941)**

Natural de Viana, filho de Dr. Manuel Lopes da Cunha e de D. Maria de Jesus Sousa Lopes da Cunha, aos seis anos de idade deixou sua cidade e partiu com sua família para São Luís. Seu pai tornou-se governador, porém com apenas um ano de mandato se afastou e mudou-se para o Rio de Janeiro com sua família. Ao retornar para o Maranhão, Raimundo Lopes graduou-se em Ciências e Letras pelo Liceu Maranhense, onde também foi professor, porém se dedicou a estudar a geografia maranhense, a etnografia, a etnologia, a arqueologia, a história e a sociologia. Com apenas 22 anos, ao retornar para o Rio de Janeiro, publicou seu primeiro livro, que já vinha sendo escrito há cinco anos, *O Torrão Maranhense* (1916). Seu livro foi muito bem aceito, assim Raimundo Lopes ampliou seus estudos e faz outras publicações relevantes. Entre elas temos: *Os Fortes Coloniais de São Luís*, *As Regiões Brasileiras, Entre a Amazônia e o Sertão*, *O Homem em Face da Natureza*, *Ensaio Etnológico sobre o Povo Brasileiro*, *Pesquisa Etnológica sobre a Pesca Brasileira no Maranhão* etc. Publicou ainda um romance intitulado *Peito de Moça* e seu último livro, *Antropogeografia*. Raimundo Lopes também foi membro do Instituto Histórico e

⁶⁶ Disponível: www.academiamaranhense.org.br

Geográfico do Maranhão e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e da Academia Maranhense de Letras.

- **Raul Astolfo Marques (11.04.1876 – 20.05.1918)**

Negro e de origem humilde, nasceu antes da Abolição e mesmo depois dela, o preconceito e a discriminação o acompanharam na sua jornada. Deficientes de estudos mais apurados e de melhores leituras, Astolfo Marques empregou-se na Biblioteca Pública com o intuito de se aproximar dos livros e ter acesso ao conhecimento. Primeiramente trabalhou como servente o que condizia com sua condição social, mas sua competência fez com que alcançasse o cargo de assistente de Direção da Casa. Com essa proximidade dos livros, Astolfo Marque se tornou um eminente escritor, retratando sempre a vida das camadas desfavorecidas. Seu trabalho mais conhecido foi *A Nova Aurora* (1913), uma novela maranhense. Foi um dos fundadores da Oficina dos Novos e membro da Academia Maranhense de Letras.

Por fim, chegamos aos intelectuais exponenciais dessa geração, Antonio Lobo e Nascimento Moraes. Esses dois personagens da literatura maranhense foram de vital importância para a essa geração.

Antonio Francisco Leal Lobo nasceu em São Luís no dia 04 de julho de 1870, filho de Policarpo José da Costa Lobo, comerciante e de Maria Francisca Leal Lobo. Com apenas 12 anos de idade Lobo perdeu o seu pai Iniciou seus estudos no Colégio São Paulo aos oito anos e depois estudou no Liceu e fez o curso de Humanidades.

Ao iniciar sua carreira como professor, lecionou aulas de História Universal, História do Maranhão e Instrução Cívica, e depois também, de Literatura e Língua Portuguesa na Escola Normal. Depois de lecionar em vários estabelecimentos educacionais, conseguiu dar aulas no Liceu Maranhense como professor substituto. Mas, em 1910 passou no concurso público e foi efetivado com o cargo de professor de Lógica no Liceu, e mais tarde foi diretor dessa mesma instituição.

Em 1898 assumiu a direção da Biblioteca Pública, procurou se inteirar sobre o funcionamento e a dinamização no acesso dos leitores dentro e fora do Brasil, dessa

forma ele fez várias reformas que apresentaram melhoras para a Biblioteca. Mesmo com suas ocupações no setor público, Antonio Lobo desenvolvia, paralelamente, trabalhos literários e jornalísticos, além de várias conferências, para as quais era muito requisitado. Antonio Lobo “constitui-se a figura de maior expressão do movimento de ressurreição cultural, promovido pelos novos atenienses”.⁶⁷

Primeiramente vamos esmiuçar seu lado literário. Traduziu várias obras, entre elas *Henriqueta*, romance de François Coppée (1893); *Debalde*, romance de H. Sienkiwick (1902); e, em parceria com Fran Paxeco, *O juiz sem juízo*, comédia de A. Bisson (1901). Produziu *A carteira de um neurastênico* (1903); *Positivismo e micróbios* (1908); *A doutrina transformista e a variação microbiana* (1909); *Os novos atenienses: subsídios para a história da literatura maranhense* (1909); *Pela rama* (1911); *A política maranhense* (1916); *Comentos e opiniões*, livro de crítica; *Ensaio de lógica*, sobre filosofia; *À flor dos lábios*, conferência; e *Retalhos da vida*, contos.

Também esteve ligado à juventude da época com o intuito de revitalizar o campo literário dando a estes jovens a oportunidade de se reunirem nos chamados *Grêmios Literários*. Lobo fundou, nos salões da Biblioteca, a Oficina dos Novos (1900), juntamente com Fran Paxeco e outros intelectuais. Nessa conjuntura, outro grupo literário dissidente foi formado, tendo como diretor Nascimento Moraes, que era desafeto de Lobo. Este grupo era denominado *A Renascença Literária*, mas trataremos mais detalhadamente deste assunto em breve.

Outra face desse intelectual é a jornalística, onde atuou solenemente, contribuindo para diversos jornais, revistas e periódicos. Lobo era um polemista nato, o que lhe deu uma colocação significativa na imprensa por um longo período.

Dessa forma, Patrícia Cardoso afirma que:

Concomitantemente ao serviço público, Lobo desenvolvia seu lado jornalístico, de onde se pode ver, com mais profusão e maior expressão, a

⁶⁷ MARTINS, Operários da saúde, 2006. p. 153.

qualidade de sua escrita. Colaborou com os periódicos: *O século*; *Revista elegante*; *Diário do Maranhão*; *A cruzada*; *Filomatia*; *O estudante*; *Pacotilha*; *O federalista*; e *O jornal*. E ainda fundou e dirigiu *A revista do Norte* e o jornal *A tarde*⁶⁸.

É imprescindível mencionar a criação da Academia Maranhense de Letras (1908), pois Lobo foi o principal idealizador e junto a outros intelectuais conseguiu tornar a AML⁶⁹ o principal órgão da literatura maranhense. Há equívocos em relação à criação da AML, onde aparentemente seria o resultado da decadência da Oficina dos novos.

Patrícia Cardoso afirma que as duas agremiações seguiam paralelas, pois:

Não houve, portanto, uma sucessão direta nem uma simples mudança de nome, como afirmam alguns autores. As duas instituições foram coetâneas, apesar de que muitos membros da Oficina dos Novos, a mais antiga, já a terem deixado e ingressado na AML, mais recente. Ou seja, a Oficina dos Novos e a AML eram instituições distintas, apesar de próximas. Antônio Lobo, Clodoaldo Freitas, Fran Paxeco, Godofredo Viana, Ribeiro do Amaral, Barbosa de Godóis, Domingos Barbosa, Inácio Xavier de Carvalho, Astolfo Marques, Alfredo de Assis Castro, Correia de Araújo e Armando Vieira da Silva fundaram a AML, que mais tarde recebeu o codinome de Casa de Antonio Lobo⁷⁰.

Por meio de todas essas informações podemos atestar que Antonio Lobo foi fundamental para a consolidação dos Novos Atenienses, assim denominados pelo mesmo. Atuou em várias áreas, com seu autodidatismo se dedicou à educação, à imprensa e à literatura maranhense e deixou um importante legado para o Maranhão – a Academia Maranhense de Letras, que atualmente é chamada de Casa de Antonio Lobo. Em meio a tudo isso também foi um colecionador de polêmicas, travadas com vários intelectuais, entre eles Nascimento Moraes, que o criticava severamente.

Nesse contexto, temos a atuação de José do Nascimento Moraes, exímio intelectual dessa geração. Poderia ser mais um entre tantos outros, porém Moraes é

⁶⁸ CARDOSO, Lobo X Nascimento “Nova Atenas, 2013. p. 54

⁶⁹ Abreviação de Academia Maranhense de Letras, para não ficar repetitivo.

⁷⁰ CARDOSO, Lobo X Nascimento “Nova Atenas, 2013. p. 55.

ímpar nessa gama de letrados. Nasceu em São Luís, no dia 19 de março de 1882, ainda no regime escravocrata. Faleceu na mesma cidade no dia 21 de fevereiro de 1958. Negro, de origem humilde, sendo seu pai Manoel do Nascimento Moraes, que era um mulato que trabalhava como sapateiro e também lutou na Guerra do Paraguai, e de Maria Catarina Vitória, que foi escrava e depois da Abolição se tornou feirante para ajudar no sustento da família. “Empedernida couraça forjada pelo aço ou pelo ferro de sua resistência atávica, fruto que foi da união de um mulato com uma preta.”⁷¹

A educação de Nascimento Moraes foi deficiente, porém com muita perseverança conseguiu ter acesso à escola e mesmo com os estudos incompletos passou no concurso de cátedra para professor de Geografia do Liceu Maranhense (1914), onde era concorrente direto dos irmãos Antônio e Raimundo Lopes, professores renomados. De acordo com Martins:

José do Nascimento Moraes impôs-se no concerto sócio-cultural maranhense do seu tempo após vencer, pela instrução formal, as barreiras sociais interpostas ao ato de ser ele originário de pais analfabetos, pobres e negros⁷².

Antonio Lobo, ressentido com Moraes por essa aprovação, perguntou-lhe como havia aprendido e quem o ensinara, e Moraes assim respondeu:

Aprendemos no Lyceu Maranhense, onde fizemos os seguintes exames; Portuguez, Francez, Inglez, Allemão, Latim, Arithmetica, Algebra, Geometria, Trigonometria, Geographia geral, Geographia do Brazil e Cosmographia, Historia geral e do Brasil, Physica, Chimica o Historia natural, obtendo em todos elles, com excepção de dois, aprovação plena ! O velho Lobo, porém, não poderá dizer o mêsmo, porque o "collosso" nem conseguiu fazer o exame de arithmetica pelo que não se formou em direito como era desejo seu ⁷³.

Moraes se tornou um intelectual admirável, isto em meio uma sociedade racista e preconceituosa. Mas para conseguir esse prestígio, lutou incansavelmente contra os problemas sociais que assolavam os negros e os pobres, algo que o atingia pessoalmente. Tudo isto condiz exatamente com a inscrição sob seu busto, que se

⁷¹ MACHADO, A escrita polêmica de José do Nascimento Moraes. 1982. p. 7.

⁷² MARTINS, Operários da saudade, 2006. p. 159.

⁷³ MORAES, Puxos e repuxos, 1910.

encontrava na Praça do Pantheon: “Eu sou um lutador”. E assim se configurou toda a sua vida, uma luta infatigável, descrita a seguir por Machado:

Nascimento Moraes pertenceu a uma geração a uma geração sacrificada não apenas pelo insulamento em que vivia, mas sobretudo pela falta de condições sociais, como até agora ocorre, para o pleno exercício da função do escritor⁷⁴.

Como jornalista, foi delator de tais mazelas, participando de vários jornais, revistas e periódicos, atuando intensamente. No *Diário de São Luís*, um jornal de grande circulação na época, foi o redator chefe, porém participou de outros jornais. Forma eles: *A campanha*; *O Maranhão*; *A pátria*; *O jornal*; *A Tribuna*; *A Hora*; *Diário do Norte*; *Diário Oficial*; *O Globo*; *Correio da Tarde*; *A Imprensa*; *Regeneração*; *Notícias*; *Diário do Maranhão*; *Atenas*; *Correio da manhã*; e *O imparcial*. Nesse universo jornalístico, Moraes criticava severamente alguns intelectuais, principalmente Antonio Lobo, com isso usava vários pseudônimos (*Junius Viactor*, *João Sem Terra Braz Sereno*, *Sussuarana*, *Zé Maranhense*, *João Ventura* e *Valério Santiago*) para publicar seus escritos.

A esse respeito, Rosângela diz que:

O pseudônimo não somente mascara o verdadeiro enunciador, mas também cria um novo enunciador, revelando a herança do discurso dos jornais do século XVIII em que os escritores criavam pseudônimos para escrever em jornais e instituiu o primeiro movimento discursivo na criação da encenação, necessária para a valorização e aceitação do seu dizer.⁷⁵

Com uma vida jornalística intensa, “pode-se dizer mesmo que Nascimento Moraes é, sob certos aspectos, a figura de jornalista mais importante das primeiras cinco décadas em nossa terra”.⁷⁶ Por meio dos jornais ele teve o espaço necessário para denunciar as injustiças sociais vivenciadas pelos maranhenses desfavorecidos, os problemas políticos do Maranhão, além de sua preocupação com a educação.

⁷⁴ MACHADO, A escrita polêmica de José do Nascimento Moraes. 1982. p.10.

⁷⁵ CARREIRA, A paratopia testemunho-documental e o discurso da negritude em *Vencidos e degenerados*, 2015. p. 72.

⁷⁶ MACHADO, A escrita polêmica de José do Nascimento Moraes, 1982. p. 7.

Dessa forma, Moraes esteve sempre atualizado sobre tudo que o interessava, articulava sobre vários assuntos e era conhecedor de todos os problemas que o Maranhão carregava.

De acordo com Machado, Moraes era bem informado daquele mundo que o cercava, interessado pelos mais diversos assuntos, conhecendo:

Do integralismo ao socialismo, da democracia à ditadura, mas sempre alicerçada pelo positivismo maçônico, perfazendo ciclos e correntes antagônicos, ele era bem a antena capaz de apreender sobretudo, deles se libertando ou sofrendo, preconceitos arraigados numa terra precursora de idéias que revolucionariam o mundo cultural brasileiro.⁷⁷

Também era muito prestigiado por sua perfeição linguística, seus escritos eram gramaticalmente impecáveis, por isso Moraes era constantemente procurado para ser revisor dos trabalhos de outros intelectuais, um crítico literário singular. Ele foi tão ativo na imprensa, que seus escritos estiveram em circulação desde o começo do século XX até a década de 50.

De acordo com Nauro Machado:

É no jornal que Nascimento Moraes se polimorfiza. É no dia a dia da notícia recente, do compromisso com a matéria quase sempre passageira e fugaz, no entrevero dos coques cotidianos travados na estreiteza física do meio ambiental, que Nascimento Moraes se debruça para abeberar-se de pequenas fontes, transformando-as após no caudal volumoso com que sua visão elevava-as a um geografismo literário de cunho universalista⁷⁸.

A vida literária de Moraes se concretizou ao lado da jornalística. Personagem fundamental na renovação intelectual do Maranhão, Nascimento Moraes foi um literato muito prestigiado, participando efetivamente desse movimento literário, além de ser um dos membros fundadores da Oficina dos Novos (1900). Também foi membro da Academia Maranhense de Letras, “onde foi admitido no ano de 1935 e

⁷⁷MACHADO, A escrita polêmica de José do Nascimento Moraes. 1982. p. 13.

⁷⁸ MACHADO, A escrita polêmica de José do Nascimento Moraes. 1982. p. 19.

que chegou a ser presidente por três vezes, nos anos de 1941, 1946 e 1947. Nesta academia, ele foi secretário, tesoureiro, ocupou a cadeira onze, cujo patrono é João Lisboa. Nascimento Moraes também foi redator da revista da Academia, a Revista Athenas (1941) ”.

Apesar desses pontos positivos, os percalços desse meio elitista e excludente o atingiram profundamente, estando ele em uma luta constante para se manter no mundo intelectual, não faltava o talento, o problema consistia nas oportunidades.

Assim depreende Cardoso:

Simultaneamente à crítica positiva em relação à sua pessoa e às suas obras, a biografia desse autor geralmente aparece na historiografia maranhense relacionada a uma luta intensa para conquistar seu espaço, em razão de ser negro, de origem humilde, mas também de ter ousado se tornar escritor, jornalista, professor, contista, poeta, polemista, ensaísta, crítico, romancista. Em suma, ele se tornou um homem de letras num tempo em que o negro não granjeava espaço na sociedade. Soma-se a isso o fato de ele ter se tornado uma voz de denúncia contra várias mazelas sociais, o que se expressava de forma marcante em sua escrita.⁷⁹

Portanto, as obras de Moraes evidenciam também os entraves de sua trajetória. Em 1910 a sua primeira obra foi publicada, intitulada *Puxos e Repuxos* (1910). Essa obra é uma compilação de textos publicados nas colunas do *Jornal Correio da Tarde*, assinada por *Valério Santiago*, pseudônimo de Moraes. Inicialmente ele denominou essa coluna de Fluxos e Refluxos e só na edição 00193 de 27 de julho de 1910 passa a se chamar *Puxos e Repuxos*. Esses textos retratavam embates entre Nascimento Moraes e Antonio Lobo. Moraes criticava severamente as escritas de Lobo, tanto pelos temas, quanto pela escrita, o apelidando de Antonio Bobo. Eis um trecho de *Puxos e Repuxos* que evidenciam essas críticas:

Escreve Lobo:

«E como toda a luta prolongada, que se não Decidiu logo »Ora esta claro que se uma luta é prolongada é porque não se decidiu logo!... E' sempre

⁷⁹CARDOSO, Lobo X Nascimento “Nova Atenas, 2013. p. 99.

assim o velhote! Desconhece a lingua, no que ella tem de mais commum a analyse - escreve periodos sem sentidos. Convencido de que o bem escrever consiste em fazer phrases longas e retumbantes - escreve redundâncias sem fim' diz a mesma cousa, duas, tres, quatro vezes, si for possível! Tudo que escreve é desencontrado, cheio de disparates ridiculos e tão extranhos que provocam o riso!⁸⁰

Nascimento Moraes publicou outra obra, *Neurose do Medo* (1923). Este livro é consiste em uma análise do governo de Raul Machado, sucessor de Urbano Santos. Foi um governo difícil, inúmeras dissensões, que chegaram a comprometer o próprio Moraes, que necessitou retratar-se algumas vezes e escrever de forma cautelosa. Apesar de ser próximo de Raul Machado, ele não pôde deixar de criticar o seu governo e finaliza o seu trabalho relatando que o principal motivo da derrocada de Raul Machado foi a impopularidade, de forma que só se pode governar mediante a aceitação do povo.

Os contos de Valério Santiago, assim foi nomeada a obra póstuma de Moraes. Esta foi organizada pelo filho do autor, José Nascimento Morais Filho e publicada em 1972. *Valério Santiago* é um dos muitos pseudônimos de Moraes, e esta obra é a compilação de artigos assinados por ele e publicados na *Revista Athenas*. Um conto conhecido dessa obra é *A preta Benedita*. Benedita era uma escrava que viveu para sua senhora, mesmo liberta, quando sua senhora faleceu continuou a servir a família, que nessa conjuntura estava falida. Foi Benedita, com seu gosto pelo trabalho e perspicácia nos negócios, que conseguiu sustentar a filha da sua antiga senhora e os filhos desta. Com o fruto do seu trabalho pôde manter os filhos da patroa em boas escolas e todos conseguiram uma boa colocação na vida. Graças à preta Benedita e à sua incansável labuta essa família se reergueu. Nesse conto os costumes daquela época são bem evidenciados, assim como as reações e consequências da Abolição.

Porém, sua obra mais expressiva foi *Vencidos e Degenerados*, publicada em 1915 e reeditada em 1968, 1982 e 2000. Nesse romance-crônica, Moraes representa o cenário social do Maranhão na virada do século XIX - XX, mais especificamente São Luís, retratando dois grandes eventos: A Abolição da Escravidão (1888) e a Proclamação da República (1889).

⁸⁰ MORAES, Puxos e Repuxos, 1910.

Ao decorrer do texto o autor retrata o cotidiano de São Luís após a Abolição e a Proclamação da República. Utilizou personagens bem peculiares para dar ênfase aos problemas e as aflições do dia a dia, mas por outro lado mostra as maneiras que eles encontravam para esquecer por alguns momentos essas dificuldades que passavam diariamente.

O escrito revela que à medida que o tempo passava os problemas aumentavam e a mudança tão esperada não acontecia da forma como se havia pensado, os escravos alforriados se viram sem teto, sem emprego, sem educação e sem dignidade, excluídos de todas as formas. Evidente que esse estado letárgico do Maranhão não atingiu só os negros, a sociedade toda estava sujeita a esse momento, porém quem sofreu mais foram os pobres e negros.

Por isso o autor enfoca no personagem Cláudio Olivier, literato, que assim como ele, é filho de escravos, pobre e que enfrenta constantemente preconceito e discriminação por sua origem. Cláudio era um intelectual empenhado, fundou grêmios, produziu alguns periódicos e tentou permanecer no mundo literário, mas é ameaçado por manter um romance com filha de um coronel, pois para os elitistas era inaceitável alguém como Cláudio envolver-se com uma senhorita de renome. Ele se tornou um alvo para os elitistas e os conservadores, que a todo modo procuravam prejudicá-lo. Cláudio se viu obrigado a dissolver seu grêmio e emigrou do Maranhão em busca de melhores oportunidades. Esses entraves se assemelham à trajetória de Moraes, que sofreu com o preconceito e a discriminação durante toda a sua vida, porém permaneceu no seu torrão até sua morte.

Além disso, narrativa também possuiu outros personagens importantes que compõem o cenário da cidade nesse momento. João Olivier, pai adotivo de Cláudio, que era jornalista, literato e guarda-livros. Domingos Aranha e Andreza, ex-escravos e os pais biológicos de Cláudio, Zé Catraia, que vivia perambulando pela cidade e sabia da vida de todos, Machado, comerciante que enriqueceu subitamente e protegia João e Cláudio Olivier, porém quando Cláudio ousou em se relacionar o alguém “superior à sua condição”, Machado o desamparou. Todos esses personagens denunciavam e representaram o estava acontecendo naquele momento. Moraes revela que a cidade continuava com os mesmos problemas de antes, pois ainda

estava atrelada aos velhos hábitos aristocráticos e preconceitos de todos os tipos. Um verdadeiro testemunho histórico maranhense.

2.4 As Associações Literárias

Fundou-se, no dia 28 de julho de 1900 a *Oficina dos Novos*, liderada por, Fran Paxeco, Nascimento Moraes e Antonio Lobo. Foi o primeiro grande passo dessa geração. Possuíam um boletim oficial chamado Os novos. Primeiramente havia 20 cadeiras, que mais tarde se ampliou para 30. Cada cadeira tinha um patrono, que era algum vulto histórico de grande importância na cultura maranhense. Essa estrutura é a mesma utilizada na Academia Maranhense de Letras, fundada em 1908.

No entanto Moraes, que esteve por algum tempo na direção do grêmio, não tardou como membro da *Oficina dos novos*. Dissensões entre ele e Antonio Lobo o forçaram a sair e formar outra associação literária, denominada *Renascença Literária (1901)*. Para Moraes, Lobo e seus seguidores queriam dominar o campo intelectual e isso implicava na exclusão de intelectuais como ele, negro e pobre.

Desse grupo faziam parte “Nascimento Moraes, Inácio Xavier de Carvalho, Leôncio Rodrigues, George Gromwell, Otávio Carvalho, Leslie Tavares e outros jovens e importantes intelectuais provincianos.”⁸¹ *Puxos e Repuxos* foi resultado desse embate travado entre Moraes e Lobo, algo que repercutiu no meio literário. Assim temos o relato de Humberto de Campos sobre os jornais das duas agremiações.

“Um dia, eu me sentei em uma pedra tosca, na ponta da calçada de nossa casa, na parte que dava par o quintal, tendo à mão dois jornaizinhos literários, publicados em S. Luiz. Intitulava-se um Os Novos, e era órgão da Oficina dos Novos, a associação constituída pela geração moça, orientada por Antonio Lobo e Fran Pacheco. Renascença, denominava-se o outro e reunia uma dissidência combativa e heroica, sob a chefia de Nascimento Moraes. O primeiro era sereno, ponderado, mergulhado em sonho e meditação... O outro periódico era mais variado e mais vivo. Nascimento

⁸¹ MARTINS, Rachaduras solarescas e epigonismos provincianos, 2002. p. 97.

Moraes, professor de português, criticava a língua d'Os Novos, arremetendo de palmatória em punho contra os rapazes do outro grupo. ”⁸²

Analisando esse discurso é possível assimilar que Os Novos, caracteriza um grêmio elitista e agiam conforme padrões estabelecidos desde a primeira geração, ou seja, de acordo com seu suposto nível de superioridade. De certo, Moraes que constantemente sofria discriminação e retaliações por parte dos membros dessa associação (Oficina do Novos) não compartilhou dos preceitos utilizados por Lobo e por seus seguidores.

Além disso, “a falta de reconhecimento do seu trabalho, preconceito racial e um desejo por parte de Antonio Lobo e seguidores de manter a elite branca como a única herdeira e continuadora da glória ateniense”⁸³., foram mais que suficientes para Moraes tomar essa iniciativa.

A crítica à língua d'Os Novos também se referia ao modo com que eles escreviam. Era a escrita da elite direcionada para a própria elite. Antonio Lobo ao citar o sociólogo francês Coste afirma que “uma nação poderá, pela sua elite, ser superior intelectualmente e, pela sua multidão, inferior socialmente”.⁸⁴

Contudo, as associações foram vitais para a atuação dos Novos Atenienses. Essas associações literárias reanimaram o cenário cultural maranhense, principalmente de São Luís. Essas disputas entre as agremiações eram diárias e se propagavam principalmente por meio dos jornais. A sensação de renascimento se tornou mais forte com os embates emblemáticos entre os líderes literários Lobo e Moraes, evidenciada na obra *Puxos e Repuxos*, publicada por Moraes.

A partir delas, outras associações foram se formando e tornando a cultura literária maranhense mais rica e diversificada. Uma excelente oportunidade para os jovens estudantes entrarem em contato com as letras e a literatura.

De acordo com Adriana Gama, as agremiações foram essenciais para difundir a literatura, de forma que:

⁸² CAMPOS, Memórias inacabadas, 1960. pp. 126/127.

⁸³ BRÁS, Os marginalizados pela república, 2014. p. 34.

⁸⁴MACHADO, A escrita polêmica de José do Nascimento Moraes. 1982. p. 24.

Essas duas agremiações tornaram-se os pólos catalisadores da juventude maranhense, seus líderes, Antonio Lobo e José do Nascimento Moraes, respectivamente protagonizaram uma intensa rivalidade através de algumas polêmicas registradas nos jornais dos quais faziam parte, e também incentivaram a produção literária de ambos os grupos, inspirando outros jovens ao exercício das letras⁸⁵.

Todas essas polêmicas e dissensões, esse trabalho cotidiano de Moraes para se manter firme diante das dificuldades, sua origem humilde e principalmente o seu senso crítico aguçado, decorrente das importantes obras lidas por ele sob orientação do professor Manoel de Bèthencourt que, ofereceu a Moraes e à juventude contemporânea a ele o “contato com escritores como Tolstoi, Dickens, Zola e outros escritores que direcionavam seu olhar para o povo;”⁸⁶ deram substância para essa obra majestosa intitulada *Vencidos e Degenerados*.

⁸⁵ ARAÚJO, Em nome da cidade vencida, 2011. p. 31.

⁸⁶ BRÁS, Os marginalizados pela república, 2014. p. 33.

3. SÃO LUÍS AOS OLHOS DE MORAES

“O real é sempre o ponto de partida para a ficção”⁸⁷.

Nesta última etapa do trabalho, iremos analisar as entrelinhas da obra de Moraes, pois nos dois primeiros capítulos analisamos o Maranhão de diversos ângulos, começando pela economia e passando pelo campo social e cultural. Todo o estudo feito anteriormente alicerça esta última parte, nos situando economicamente, socialmente e historicamente com *Vencidos e Degenerados*.

Dessa forma, iniciamos com o depoimento de Jean-Yves Mérian, professor da Universidade da Alta Bretanha, perito na crítica de *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, que descreveu importância da crônica de Nascimento Moraes para o Maranhão.

Graças a um estilo onde a vivacidade dos diálogos permite-nos apreciar certas descrições demasiadas longas, o escritor faz-nos descobrir com realismo os mecanismos que animam esta sociedade conservadora, medíocre, impregnada de ideias racistas e de toda sorte de preconceitos.

Aos que conheceram *O Mulato* a leitura de *Vencidos e Degenerados* traz a impressão de um mundo já conhecido e também da concepção de um sentimento de impotência de uma cidade decadente que vive da lembrança da época em que era a terceira metrópole do Brasil. Certas passagens desta crônica da vida do Maranhão são verdadeiros documentos sociológicos.⁸⁸

Ao termos o primeiro contato com a narrativa nos deparamos com o dia da Abolição, um dia muito sugestivo, um momento que mistura uma série de sentimentos e expectativas, de alívio e frustrações. É na casa de José Maria Maranhense, abolicionista empenhado, que todos esperam ansiosos pela grande notícia, e João Olivier, um dos personagens centrais do romance se encontra nesse recinto, pronto a comemorar com os demais.

Olivier era jornalista e também guarda livros de uma grande casa comercial, “era um cronista excelente e se sustentava no jornal graças às suas louçanias do dizer

⁸⁷ ARAÚJO, Em nome da cidade vencida, 2011. p. 72.

⁸⁸ MORAES, *Vencidos e Degenerados*, 2000. P. 15.

*castiço e vernáculo*⁸⁹”. Olivier era um homem empenhado com as causas abolicionistas e por isso querido e admirado por muitos. Em contrapartida, essa posição que adotou era mal vista pelos que eram contra a escravidão.

João Olivier tinha um filho que se chamava Claudio Olivier, ele era seu filho adotivo, seus pais biológicos eram Domingos Aranha e Andreza Vital, ex escravos, que agora trabalhavam por conta própria e auxiliavam a família de Olivier sempre que necessário.

Após o falecimento de João Olivier, Claudio seguiu seus passos, pois foi muito bem instruído pelo seu pai e conta com a ajuda do Velho Bento, mentor de Olivier. Infelizmente, carrega os mesmos infortúnios que as letras trouxeram ao seu pai: inimigos, preconceito e exílio.

Segue o dia da libertação dos escravos, a cidade ferve, por todos os lados não se fala em outra coisa. A grande maioria festejava, mas ainda tinham os que estavam descontentes com a chegada da liberdade aos escravos. A Abolição estava em pauta e as reações foram as mais diversas possíveis.

Eram cinco horas da tarde e a cidade fulgia de delírio, ardia na febre ruidosa e empolgante de sugestionadora alegria. Pelas ruas cruzavam-se grupos e grupos de escravos, a gritar, loucos de satisfação; outros berravam obscenidades que, como predadas, iam bater nas janelas dos escravocratas insultos soezes, ofensas terríveis, contra a família de ex-senhores que, temendo violências físicas, fechavam as portas, apenas acabavam de sair os últimos libertos⁹⁰.

Agora jaz no Maranhão a liberdade, o sonho vivido por muitos se tornou realidade em detrimento da derrocada de alguns. São Luís ganha um novo panorama, começa a se modernizar. Contudo a cidade ainda é acometida de muitos males, acortinados pelos seus casarões e pelos devaneios da fidalguia. “As ruas, todas pouco cuidadas, algumas muito íngremes, são mal calçadas ou sem calçamento”⁹¹.

⁸⁹ MORAES, Vencidos e Degenerados, 2000. p. 28.

⁹⁰ MORAES, Vencidos e Degenerados, 2000. p. 35.

⁹¹ MONIZ, Relatório, 1845, p.11. *apud* CORREIA, Nos fios da trama, 2006. p. 57.

3.1 A cidade ideal e a cidade real

São Luís configura-se como a cidade dos sobrados, sendo estes indicadores da posição social de seus donos, pois “ na São Luís da segunda metade do século XIX os bons ocupavam os altos: alto da hierarquia econômica e social, a qual lhes assegura viver no alto dos sobrados”.⁹²No período de opulência da lavoura, os senhores de escravos ostentavam em seus casarões para demonstrarem seu poder e riqueza, imprimida em seu brasão.

Contudo, esta cidade não é feita apenas de luxuosos sobrados. Quem dinamiza o cotidiano são os moradores que constituíam o grupo intermediário, entre os sobradões e os “pés de escada”, “composto por artífices, músicos, professores, pequenos comerciantes, estudantes e caixeiros”⁹³. Há uma grande diversidade, todo tipo de gente, todo tipo de casa, que vai dos sobradões às casas de palha, mais comuns na época, que por decreto do governo foram marginalizadas, porém ainda cercavam o coração da cidade. E todo esse conjunto caracteriza a cidade de duas formas: a cidade do fausto e do fastio, como coloca perfeitamente Correia, em seu trabalho sobre o cotidiano das mulheres operárias em São Luís:

Como salta aos olhos, nessa cidade, o fausto convive com o fastio, porém tensos e conflituosos. Das janelas dos sobrados olham-se os cortiços, dos quais passam ao largo e o luxo e as francesias. Em tudo outro é o seu modo de viver, o que arrepiava os valores e as etiquetas cultivadas nos altos dos sobrados⁹⁴.

Também podemos caracterizar esse fastio como a precária salubridade de São Luís, ocasionada principalmente pelo crescimento desordenado e por descaso do governo.

A partir disso, foi criado o Código de posturas, onde:

Todas as casas e prédios deveriam ter no mínimo 5 metros de frente por 15 de fundo, serem construídos com materiais de alvenaria, ter as bases de sustentação em cantaria, possuir cozinhas e banheiros revestidos com

⁹² CORREIA, Nos fios da trama, 2006. p. .40

⁹³ CORREIA, Nos fios da trama, 2006. p. 44.

⁹⁴ CORREIA, Nos fios da trama, 2006. p. 45.

ladrilho-mosaico ou azulejo, bem como sistemas de canalização, esgotos e ventilação, com canos de ferro galvanizado, nunca ter altura maior que a largura das ruas, dentre outras especificações.⁹⁵

Os cortiços e as casas de palha eram lugares propícios ao aparecimento de doenças, e apesar das leis públicas de higiene e saúde, a maioria da população não as seguia. “Na perspectiva da estética da urbe ideal, não era permitida a edificação de casas cobertas de palha, assim como novas coberturas com o mesmo material, dentro do perímetro urbano da cidade”⁹⁶. Fica assim determinado:

Fica proibida toda a edificação de casas cobertas de palha nas ruas da cidade, pena de seis mil réis; e igualmente se proíbem as novas coberturas de palha em todas as existentes, pena de três mil réis; o que se não entenderá com a pobreza, que não tiver meios para recobri-las de telha⁹⁷.

As redes de esgoto eram inexistentes, o lixo era coletado irregularmente em carroças, se tornando assim ineficiente, pois em sua maioria era depositado pelas ruas junto com excrementos.

Correia assim se refere a esse quadro por meio de citação matéria publicada no jornal Sociedade Philomatica:

Para o que não tem pouco contribuído os nossos governantes, cujo espírito parece achar-se inteiramente oposto a tudo quanto é salubridade pública e aperfeiçoamento dos seus administradores, pois nada se tem feito na nossa infeliz província a favor de tão importante objeto⁹⁸.

E mesmo com esses problemas, a cidade se embelezava. Enquanto praças eram ornamentadas, a população sofria com a falta de uma rede de esgoto e de água potável. Isso causou opiniões divergentes, pois a melhoria na qualidade de vida era mais urgente e necessária.

⁹⁵ MEDEIROS, Peste Bubônica em São Luís, 200. p. 91.

⁹⁶ CARVALHO, Urbanização em São Luís, 2005. p. 75.

⁹⁷ Código de Posturas de 1842. Artigo30°. *apud* CARVALHO, Urbanização em São Luís, 2005; p. 163.

⁹⁸ Jornal da Sociedade Philomática Maranhense (1846-1847) p. 72 *apud* CORREIA, Nos fios da trama, 2006. p. 58.

Em meio a esse cenário, com facilidade apareciam surtos de viroses, que matavam rapidamente, pois a maioria da população não tinha condições de ser atendida por um médico em casa.

Matéria da Pacotilha, citada por Castro, trata dessa questão nos seguintes termos:

[...] é evidente que uma alimentação má, como a que entre nós se observa, enfraquece a população predispondo-a para as moléstias endêmicas e epidemias que infelizmente quase sempre nos perseguem. Para nós é fora de dúvida que o mau estado sanitário da capital procede directamente do pouco ou nenhum cuidado que o governo dispensa a sua causa primordial⁹⁹.

Nos primeiros anos do século XX, o Maranhão vivenciava um período marcado pela ausência de cuidados com a saúde da população ocasionada, principalmente pela instabilidade política que aqui se instalou, onde em apenas cinco anos, três governantes assumiram o poder, causando também desorganização nos órgãos administrativos responsáveis por zelar da saúde e da higiene, nesse caso a Inspeção de Higiene do Estado do Maranhão, que contava apenas com dois médicos, Dr. Oscar Lamagnère Leal Galvão e Dr. Felicíssimo Rodrigues Fernandes.

Segundo Marize Bezerra Pinheiro, baseado nos relatórios da Inspeção de Higiene do Maranhão, esses dois médicos responsáveis pela inspeção, o Dr. Oscar Lamagnère e o Dr. Felicíssimo Fernandes, não conseguiram, por falta de recursos, por problemas de saúde, ou por outros motivos que nos escapam, em curto espaço de tempo, realizar ações preventivas e efetivas que minimizassem os problemas de saúde pública¹⁰⁰.

Constatado o descaso com a saúde pública, as endemias, que são doenças que aparecem constantemente e se concentram no mesmo lugar, que são mais comuns, e as epidemias, que são doenças que se espalham rapidamente, com grande taxa de mortalidade e atinge várias regiões ao mesmo tempo; a capital foi assolada pelos mais diversos surtos infecciosos.

⁹⁹ São Luís, Pacotilha, 19/04/1881 *apud* CASTRO, Atenas Brasileira X Babilônia de exílio, 2007. p. 38

¹⁰⁰ BEZERRA, O Tanatopoder e as epidemias, 2012. p. 45.

Bezerra ao citar Marques, constata essas doenças que assolavam a capital:

Febres intermitentes ou paludosas, disenteria (diarreia de sangue), pleurisia, pneumonia, paralisia, morpheia, pleurises, reumatismos, lesões do coração, febres tifoide, dentição, oftalmias, desarranjos de menstruação e hidropsias. Sobre as doenças de cunho epidêmico o autor destaca as seguintes: varíola (que grassava desde os tempos coloniais), sarampão, febre amarela e febre catarral - também conhecida como influenza e gripe¹⁰¹.

Porém, era a peste bubônica que viria afligir a população de São Luís no início do século XX, com um surto epidemiológico que deixou muitos mortos e a capital em estado de pânico, e mesmo com ajuda do Governo Federal, que consistiu na vinda de um bacteriologista, não deu muito resultado, por este também ter contraído a peste. Eram tantos mortos que as carroças recolhiam vários de uma só vez.

Segundo Cunha, ao retratar a história do século XX, relatada esses surtos infecciosos, nesse caso temos:

Peste bubônica (1903-1904), combatida com a ajuda do Instituto de Manguinhos através dos médicos do sul, Drs. Rodolfo Vacani, Souza Sanches, Toledo Dodsworth, Henrique Marques Lisboa, Augusto Pacheco, Adolfo Pereira, Vitor Godinho, Adolfo Lindenberg e Crisciuma Filho, secundados pelos nossos Drs. Joaquim Belo, Galdino Ramos, Cláudio Serra de Mares Rego, Rogério Coelho Júnior, Antônio Palhano e Domingos Xavier de Carvalho. Pela quantidade de profissionais recrutados para atender à epidemia e pelo tempo em que ela transcorreu vê-se a gravidade da situação, que obrigou a população em pânico a fugir para sítios e quintas dos arrabaldes ou para localidades do interior, os ratos disseminando o mal pela cidade. O próprio Dr. Henrique, que improvisara um laboratório de análises na rua do Ribeirão, viu-se atacado da doença, salvando-se a custo com a interessada assistência de seus colegas maranhenses. Igual sorte não teve o farmacêutico Bernardo Pedrosa Caldas, que perdeu a mulher, vítima da epidemia¹⁰².

¹⁰¹ MARQUES, Dicionário Histórico e Geográfico da Província do Maranhão, 1970. pp.484/485, *apud* BEZERRA, O tanatopoder e as epidemias. 2012. p. 51.

¹⁰² CUNHA, Klaus Roger Brito. História do Maranhão no século XX. Disponível em saoluisdomara.xpg.uol.com.br/historiab.htm.

Podemos concluir que diante do caos que vivia a cidade, com a falta de assistência médica e da má atuação do Governo e dos órgãos responsáveis por zelar da higiene e da saúde desta, todas as epidemias e endemias e também a alta taxa de mortalidade eram previsíveis.

3.2 A Abolição e seus efeitos na sociedade maranhense

Eu esperava que depois do 13 de maio, por que trabalhei tanto; depois do 15 de Novembro, com que me alegrei bastante; esperava que houvesse uma renovação social. Errônea ou acertadamente eu cuidava que a pública administração com luzes mais fortes e puras, tomasse outro caminho.¹⁰³

O velho Bento, em um de seus panfletos, sintetiza majestosamente a situação da sociedade maranhense após a Abolição, que mesmo reforçado pela Proclamação da República, não correspondeu às expectativas daqueles que esperaram pela mudança. Criou-se uma enorme expectativa acerca de um Maranhão livre, onde todos teriam oportunidade de uma vida mais digna, como foi observado por Olivier:

A liberdade dos negros vem contribuir para o desenvolvimento desta terra infeliz, e dar-lhe novas forças, novos elementos, novos aspectos... Esta fidalguia barata virá caindo aos poucos e o princípio de confraternidade virá acabar com estas supostas e falsas superioridades do ser, que tem sido um dos mais vis preconceitos da nossa existência política¹⁰⁴.

Para onde se encaminharam os libertos? De certo, não houve nenhuma intervenção que trouxesse melhoras à vida dos ex-escravos, *não procuraram matar o analfabetismo, não foram verdadeiros republicanos os que se apossaram do poder*.¹⁰⁵ Restou uma cidade sem oportunidades, tomadas pelo desemprego e pelo analfabetismo.

Contudo, alguns conseguiram trabalhar como autônomos, característica da escravidão nos centros urbanos, pois existiam alguns escravos que vendiam seu trabalho para terceiros com o consentimento de seu dono, estes eram chamados

¹⁰³ MORAES, Vencidos e Degenerados, 2000. p. 77.

¹⁰⁴ MORAES, Vencidos e Degenerados, 2000. p. 67.

¹⁰⁵ MORAES, Vencidos e Degenerados, 2000. p. 77.

escravos de ganho, comum nas áreas urbanas, justamente estes conseguiram mais facilmente se manter.

Paulo Roberto Pereira Câmara, em seus estudos sobre o trabalho e a rua, diz o seguinte:

Sabe-se, no entanto, que os escravos e ex-escravos de modo geral não estavam capacitados para exercer atividades especializadas e que a Abolição não significou nenhuma transformação nesse sentido, haja vista que a libertação dos cativos não foi acompanhada por nenhum projeto de inclusão deles no mercado de trabalho formal. Assim, restou à maioria desses indivíduos “improvisar a própria sobrevivência” (DIAS, 1995, p. 20) e continuar realizando os trabalhos que costumeiramente já exerciam, muitos deles no mundo da rua.¹⁰⁶

Na obra de Moraes são detalhadas algumas dessas atividades urbanas, temos o Zé Catraia, o Domingos Aranha e o Olímpio, estes ex-cativos trabalhavam com sapateiros. Andreza, que também era ex-escrava, trabalhava de aluguel, ou seja, alugava seus serviços, geralmente as mulheres nessas condições trabalhavam nos serviços domésticos.

Embora não houvesse mais cativeiro, a maioria das funções exercidas pelos libertos consistia num trabalho de subordinação. Não houve preocupação com a instrução e nem qualificação destes, o Estado não fez o necessário para que saíssem da condição de subalternos. Percebemos que dada às condições oferecidas e as permanências sociais resultantes das mentalidades escravistas muitos indivíduos de cor optaram por exercer a mesma atividade que exerciam quando cativos¹⁰⁷. O panorama da cidade após a Abolição é o seguinte:

Sábado, duas horas da tarde. Nota-se algum movimento no centro comercial, o qual não é característico de vida próspera e feliz, mas clara denúncia de decadência e estagnação de elementos essenciais à atividade do trabalho¹⁰⁸.

¹⁰⁶CÂMARA, Trabalho e rua, 2008. p. 10.

¹⁰⁷ ARAÚJO, Em nome da cidade vencida, 2011. p. 97.

¹⁰⁸ MORAES, Vencidos e Degenerados, 2000. p. 54.

Moraes é muito conciso ao falar sobre o trabalho e o que este representava naquele momento, classificando-o de duas formas. O trabalho por vaidade consiste naqueles que não possuem o dom e nem a disposição para a lida diária, tem o emprego para manter as aparências, empregando-se no comércio ou no funcionalismo. Por outro lado, temos o trabalho por necessidade, onde as palavras falam por si só, era necessário trabalhar para ajudar nas despesas e também se manter, são estes os que fazem os trabalhos por aqueles.

Assim descreve Moraes:

Os que trabalham por vaidade pertencem, na sua maioria, às antigas famílias do Estado, ou às que dela descendem. Os necessitados são, na sua maior parte, oriundos do povo, pertencem às famílias pobres e desprotegidas que não se misturam com as que representam a fina flor da sociedade. Os que trabalham por fatuidade são, como os portugueses, mandados buscar das vilas de Portugal, os futuros patrões, os diretores de Banco, os proprietários e capitalistas.¹⁰⁹

Nesse mundo do trabalho, devemos levar em conta também o súbito operariado que aqui se instalou junto com as fábricas nesse período, que apesar de não ser citado por Moraes, merece ser ressaltado, pois também foi influente no cotidiano de São Luís. Se não maciçamente, tanto recém cativo como os que desde já eram forros, seguramente fizeram-se operários¹¹⁰. Foi o operariado o grande responsável pelo surgimento dos cortiços e dos bairros operários, essa nova condição trabalhista gerou uma nova dinâmica para São Luís.

3.3 Modernizações à vista: os bondes elétricos em São Luís

A vinda das fábricas trouxe consigo um conceito de modernidade acompanhado pela instalação dos bondes, que mais do que um meio de transporte, era um ponto de encontros, tanto agradáveis, como desagradáveis, visto o depoimento de Zé Catraia, personagem que sabia de tudo e de todos à sua volta, então além da função principal, de transportar, o bonde era um espaço de encontros e boatos.

¹⁰⁹ MORAES, Vencidos e Degenerados, 2000. p. 56

¹¹⁰ CORREIA, Nos fios da trama, 2006. p. 186.

.... Eu tomo um bonde, compreende?... Os figurões vêm e sentam-se ao meu lado. Ora quem está aí? Pensam eles – é o Zé Catraia, aquele sapateiro que se embriaga. – Eu faço que ronco... Eles começam a conversar... Se aqui houvesse uma casa de correção, agentes estava livre de encontrar no bonde, tipos sujos e indecentes como esse desbriado¹¹¹.

São Luís, assim como outros centros urbanos, estava em processo de modernização, embora precários, os bondes e a eletricidade trouxeram um conceito de modernidade para a cidade. São Luís foi uma das primeiras cidades a utilizar bonde por tração animal, em 1872, quase no mesmo período do Rio de Janeiro que inaugurou as primeiras linhas entre 1868 e 1872¹¹².

Dessa forma Maria das Graças Prazeres afirma que:

Tal discurso era habitual e fez parte do plano de modernização da face urbana ludovicense, que consistia na implantação e melhoria de alguns serviços de infraestrutura, tais como habitação, abastecimento de água, saneamento básico, iluminação e transporte. Como um dos elementos mais marcantes deste projeto modernizante, os bondes elétricos foram implantados em 1924 com intuito de modernizar o setor do transporte¹¹³.

Nesse contexto, o projeto de urbanização também se tornou um jogo político, pois Maranhão haviam dois partidos que lutavam pelo poder: o Partido Republicano e o Partido Federalista. Visto isso, os Republicanos, que estavam governando o Maranhão, fizeram um contrato no valor de 1,5 milhões de dólares com a empresa norte americana Ulen & Company para melhoramentos nas redes de esgoto, no abastecimento de água e na implantação dos bondes elétricos. Assim tanto enfraqueciam a oposição, quanto ganhavam o apoio da população.

Contudo, essa atitude do governo foi deveras criticada, principalmente por se achar o Maranhão em uma situação econômica desconfortável. Porém, o projeto de melhorias foi adiante e seis meses antes do prazo as obras já estavam concluídas.

¹¹¹ MORAES, Vencidos e Degenerados, 2000. pp.146/147

¹¹² PAXECO, A Geografia do Maranhão, APUD ARAÚJO, Em nome da cidade vencida, 2011, p. 83.

¹¹³ PRAZERES, nos trilhos do progresso, 2011, p.3.

Nos periódicos que circulavam na capital o tema principal eram os bondes elétricos e seu efeito modernizador para a mesma, pois apesar de outras obras estarem em andamento, “o bonde elétrico certamente era o que tinha o maior valor simbólico, uma vez que ele trazia agregado a si, de forma mais marcante, a ideia de modernidade, visto que além de encurtar as distâncias, modificava o espaço urbano, dando um caráter mais dinâmico à cidade”¹¹⁴.

Com os bondes em funcionamento começaram a surgir os problemas desse transporte, pois o contingente não era suficiente e ficavam superlotados, além do mau estado de conservação e a passagem ser muito cara. Visto isso, se presume que essa ideia de progresso disseminada pelos republicanos era duvidosa.

3.4 O lazer necessário

Mesmo com todos os infortúnios vivenciados pelos maranhenses, ainda restava esperança e alegria a essa população. Ao falar de alegria, refiro-me às festividades e da expectativa para as suas realizações. As pessoas se preparavam durante um período para certas comemorações, entre elas temos as mais populares dessa época que são: a Janeira, Bumba Boi, Reis e Natal. Essas festas eram comumente frequentadas pela camada mais pobre da sociedade, e diversas vezes criticadas pela elite. O que hoje qualificamos como festas populares e tradicionais.

As festas frequentadas por elite eram os bailes e os saraus, essas opulentas comemorações eram comuns nos sobradões do bairro comercial. Nestes eventos, a principal finalidade era a soberania. Ter as melhores vestimentas e recitar os versos mais primorosos. Esses encontros demonstravam o poder que estes possuíam, quanto mais exuberante, melhor. Moraes retrata uma dessas festas ao narrar os preparativos do aniversário da filha do Machado. De fato, era uma comemoração deveras esperada, “um baile de espavento, uma reunião de truz [...] durante a semana não se falava noutra coisa [...] Era notável o acontecimento do sábado.”¹¹⁵ O baile seria no “sobrado, na Rua da Palma, onde já morava Machado, de pesado e barroco estilo, apresentava bonita iluminação, gás a faltar. Candelabros de prata prontos e

¹¹⁴ CORREIA, Nos fios da trama, 2006, p. 6.

¹¹⁵ MORAES, Vencidos e degenerados, 2000, p. 159.

dispostos em todos compartimentos principais¹¹⁶. Um evento dessa magnitude causou um rebuliço, de fato “a aglomeração era extraordinária, à porta do sobrado: famílias, caixeiros, funcionários públicos e estudantes lá estavam em agradabilíssima conversação, formando rodas que se divertiam, a trocar ideias e comentários picantes”¹¹⁷. E não poderia faltar o pessoal do sereno, caracterizado por aqueles que não foram convidados, mas estavam ali como expectadores daquele movimento, este pessoal “cortava incessantemente na pele dos que entravam: falavam da moral e do físico, sob todos os aspectos, de todos os modos. Ninguém escapava à tesoura cruel e desapiedada dos grupos”¹¹⁸.

Cláudio observava aquela movimentação e presenciava “a sociedade bater com mão-de-ferro a própria sociedade; a família a despir ali a própria família do artifício e da compostura a si mesma imposta... O filho de Olivier, como lhes chamavam todos, comprazia-se em observar os fatos e os vultos”¹¹⁹. Dessa forma, “não lhe escapava um olhar, um sorriso, um incidente, por mais ligeiro e insignificante que fosse. Estudava e aprendia tudo que passava em volta de si”.¹²⁰

O filho de Olivier pôde, por meio desse evento, observar minuciosamente o comportamento da elite, assim ele “deduzia tudo que se passava nos bailes, princípios de rotina, nos quais se prendia a sociedade em que ele vivia; antigos defeitos de educação, vícios e hábitos inveterados de um meio que não se modifica”¹²¹. Moraes narra o comportamento de Cláudio ante tudo que via:

Cláudio, de pé, recostado à sacada de uma das janelas da sala principal do edifício, silencioso, saboreava todo este doce amargo de reflexões. Conhecia todos os que ali estavam e, pacientemente, classificava famílias e indivíduos, pelo que representavam na sociedade e pelo que, de fato, valiam... Principia o baile por uma inebriante valsa de Berger... Nesta festa, a maior parte dos rapazes do comércio; com alguma dificuldade se descobria um bacharel, um médico ou um engenheiro... O piano soou... Cláudio colou-se ao lado do piano e principiou com energia uns lindos versos... Desconheciam-no. Não era frequentador assíduo de festas e bailes,

¹¹⁶ MORAES, Vencidos e degenerados, 2000, p. 159

¹¹⁷ MORAES, Vencidos e degenerados, 2000, p. 159

¹¹⁸ MORAES, Vencidos e degenerados, 2000, p. 159

¹¹⁹ MORAES, Vencidos e degenerados, 2000, p. 159.

¹²⁰ MORAES, Vencidos e degenerados, 2000, p. 159.

¹²¹ MORAES, Vencidos e degenerados, 2000, p. 159.

não tinha o nome escrito em nenhuma lista, nem na dos gastadores, nem nas dos protegidos, nem da dos talentosos¹²².

Diante dessa minuciosa descrição das requintadas festas da elite, podemos elucidar que Moraes, conhecedor dos maus costumes e dos motivos que faziam o seu torrão ainda mais atrasado, trouxe à tona toda a mesquinharia e preconceito contido nessa aristocracia falida. Claudio Olivier, assim como seu pai de criação, João Olivier, via aquela sociedade como fútil e inescrupulosa, assim narrada por Moraes:

A elite postiça, na frase de Olivier, que ali se ostentava como deusa, escolhendo posição sobranceira e lugar que lhe parecesse apropriado e inconfundível, ofendendo com soberba a modéstia dos simples; os ricos imaginários (ainda na frase do falecido cronista) a arrotar uma grandeza enganosa, e escarninha superioridade de condição, que não é luxo, mas que é muitas vezes extravagância de quem quer mostrar-se farto.¹²³

Essa condição se torna ainda mais recorrente depois do 13 de maio, pois muitas famílias elitistas que perderam suas fortunas, mas ainda sustentavam os velhos hábitos aristocráticos.

Por outro lado, temos as festividades dos excluídos. Esses festejos eram peculiares e tradicionais, sendo demasiado esperado por essas pessoas. Geralmente eram realizados em comemoração a algum santo da Igreja Católica, dessa forma realizados pela mesma. Nesse espaço acontece de tudo, promessas, namoros, intrigas, encontros e muita diversão, é aqui que os medos e incertezas, por ora desaparecem. Prolongam-se pela noite, como de costume, os festejos da tarde, aformosados com a solene pompa deslumbrante do culto católico de São Pantaleão¹²⁴.

Esses festejos eram esperados durante o ano todo, e quando era chegada a hora todos os ânimos estavam ali colocados, pois a vida da festa, ruidosa, intensa, lucrativa e cativante começava a manifestar-se: animava-se a vozeria, movimentavam-se os botequins e as casas de sorte¹²⁵.

¹²² MORAES, Vencidos e degenerados, 2000, p. 159.

¹²³ MORAES, Vencidos e degenerados, 2000, p. 159.

¹²⁴ MORAES, Vencidos e degenerados, 2000, p. 94.

¹²⁵ MORAES, Vencidos e degenerados, 2000, p. 94.

Como já dito, essas comemorações são características das classes menos abastadas, sendo que os elitistas viam com maus olhos essas festas, como de costume exibindo todo preconceito que carregava constantemente. Eram essas comemorações que lhes proporcionavam momentos alegria e diversão, inexistentes na labuta diária. Segundo Correia (2006), estes festins eram mal vistos “não só porque lhes oportunizava a alegria e o prazer no desafogo de suas cotidianas tensões, mas igualmente porque o verso e a rima, o canto e a dança poderiam ser veículos dos quais davam vazão a seus protestos”.¹²⁶

Em outra descrição do Largo, no festejo de São Pantaleão, Moraes levanta várias questões, incluindo o centro versus subúrbio e a atuação da polícia nesses festejos. Assim temos:

No adro do São Pantaleão, em dias de festa, não se encontram à ufa leões da moda, princípios de elegância e do bom tom. O bairro pode-se dizer que é da pobreza, e por isso é ela quem se diverte nesses dias, mal vestida, em geral modesta e simples, mas arruaceira, armada de grossos cacetes e vozes ásperas para os moços bonitos da cidade, como dizem os rapazes, em tom de mofa, enfezadamente agressivos (...) A polícia é mal vista por á, a cabroeira de outros bairros também não é bem recebida e, assim, quando menos se espera, por causa de uma raparigota qualquer, que se faceira e se requebra com individuo estranho, o rolo fecha.¹²⁷

Esses festejos não eram bem vistos porque davam lugar a “desregramentos e esbórnias do mais alto grau, de acordo com a moral então vigente ou com a intolerância de certas frações sociais ou grupos”. Esses desregramentos também diziam respeito ao comportamento das mulheres. Andreza gritava e insultava os circunstantes, empurrando-os violentamente, abrindo disputa com uns e outros. Aquilo chamou a atenção da ronda da polícia¹²⁸. Ainda sobre elas, e se tratando de bebedeira, não era incomum escândalos dados por elas no estado de embriaguez, e pela sua condição feminina. Diante dessa sociedade carregada de preconceitos, essas atitudes se tornavam ainda mais ofensivas.

¹²⁶ CORREIA, Nos fios da trama, 2006, p. 118.

¹²⁷ MORAES, Vencidos e degenerados, 2000, p. 95.

¹²⁸ MORAES, Vencidos e degenerados, 2000, p. 96.

Para Correia,

Com relação a esses comportamentos indecorosos por parte das mulheres, muitos dos registros carregam nas tintas da espetaculosidade reprovada dos atos por elas praticados, sendo, no geral, apreciações marcadas por toda sorte de estereótipos. Um exemplo desse tipo de tratamento por ser verificado no caso das cenas indecorosas que teriam ocorrido no largo do São João, “mesmo junto da polícia”, quando duas mulheres, “naturalmente por questões de ciúmes”, haviam-se “agatanhado” em plena luz do sol.¹²⁹

Voltando aos instrumentos de lazer dos pobres, temos as brincadeiras, que também era deveras criticada pela classe dominante, principalmente o tambor de crioula e o bumba boi. Eram vistos como uma cultura de degenerada, que feria a nata da sociedade.

O bumba boi foi alvo de muitas reclamações, pois “além dos batuques estridentes e berreiros de dançantes, os ‘Bois’ também eram severamente criticados devido às brigas que eram frequentes em suas peregrinações pela noite”¹³⁰. O bumba boi só era permitido nas áreas longe do centro, se concentrando principalmente no João Paulo, que era um bairro mais afastado.

É interessante falar sobre o tambor e o bumba boi, visto que foram vítimas de tanto preconceito e atualmente são ícones da cultura maranhense, com reconhecimento mundial, da mesma forma que podemos falar do samba, sendo que todos são de origem africana e que hoje repercutem como símbolo da cultura nacional.

Diante de tudo que foi explanado, podemos sintetizar que apesar das dificuldades do dia a dia, essa população encontrou uma forma de diminuir esse sofrimento, mesmo que por algumas horas ou alguns dias. E mesmo com o incômodo e as críticas da elite, não desistiram de seu lazer e de sua liberdade.

O recorte citado adiante uma crônica do jornal *A Tarde* explica como é viver o contraditório nessa cidade de contrastes que é São Luís:

Estamos no melhor dos mundos, vivemos na melhor das cidades.

¹²⁹ CORREIA, Nos fios da trama, 2006, p. 136.

¹³⁰ CORREIA, Nos fios da trama, 2006, p. 127.

O ar que respiramos é livre, livre é a nossa locomoção, livre é a nossa língua; livres são os nossos hábitos, os nossos costumes, os nossos gestos. Quando ouço reclamações, digo logo que o reclamante não tem segura a função do cérebro¹³¹.

3.5 Os vencidos e os degenerados de Moraes

Somente ao término da leitura da obra de Moraes, Vencidos e Degenerados, é possível compreender quem são esses vencidos e degenerados a quem ele se refere.

A obra revela parágrafo após parágrafo, os sentimentos dessas pessoas que esperaram tanto por mudanças e a cada dia que passa veem suas esperanças diminuindo. Assim depreendemos que esses vencidos são os que tiveram suas expectativas corroídas pelas promessas não cumpridas de dias melhores, aqueles que esperaram melhores resultados da Abolição e que sonhavam com uma sociedade mais igualitária. São os pobres, os negros, os intelectuais sem reconhecimento, os idealistas de uma sociedade igualitária.

Um personagem que retrata esse anseio por dias melhores é o João Olivier, típico jornalista favorável à abolição e mais do que isso, que compreendia a necessidade de oferecer aos libertos uma condição que possibilitasse uma vida digna, trabalho e principalmente a educação. Pensara ele que a República era sinônima de progresso, porém nada ocorre como ele imaginou, as mudanças estavam demorando a acontecer e à medida que o tempo passava, a situação se agravava e as perspectivas se esvaíam.

Olivier educou seu filho Cláudio Olivier, para que ele vivesse esses momentos de glória, onde intelectuais como ele pudessem ter espaço e ser reconhecidos, mas o agravamento da sua situação financeira, desencadeada pelo seu senso crítico e oposicionista o obriga a deixar sua terra natal e buscar alento e reconhecimento em outras plagas. Vai para a Amazônia, onde é bem recebido e tem seu trabalho reconhecido, passado algum tempo retorna ao Maranhão por causa de uma enfermidade, não demorando a falecer.

¹³¹ SÃO LUÍS. A Tarde, 03/08/1915.

Essa emigração, bem pautada por Moraes, acabava sendo a solução mais viável para muitos intelectuais que não tinham o apoio necessário para desenvolver seus trabalhos. O que faltava aqui era o reconhecimento desses intelectuais, por isso a emigração era tão comum.

O filho adotivo de João Olivier, Cláudio Olivier, também se viu obrigado a emigrar do Maranhão. Além das dificuldades financeiras, pois após a morte de seu pai adotivo, o sustento da casa ficou sob sua responsabilidade e o que ganhava não era suficiente para sobreviver e manter a casa.

Dessa forma, contava com a ajuda de seus pais biológicos, Domingos Aranha e Andreza Vital para suprir as necessidades. Também contava com o apoio de Machado, que mantinha por seu pai, Olivier, muita consideração e após a morte de Olivier, dedicou à Cláudio esse esmero que tinha por seu pai. Era este que arrumava as escritas para Cláudio. Mas seu romance com Armênia Magalhães o colocou numa situação difícil, pois para Cláudio, que era mulato e pobre, manter um relacionamento com uma moça como aquela, da elite, não era permitido, e essa elite o condenou imediatamente.

Machado, diante dessas circunstâncias, temendo que sua reputação fosse manchada pelo "mau comportamento" de Cláudio, parou de auxiliá-lo, deixando o rapaz em uma situação ainda mais delicada.

Cláudio havia seguido os passos do seu pai Olivier, com o mesmo gosto e dedicação pelas letras, publicava periódicos, reunia a juventude literária, além de fundar com outros jovens, um grêmio literário para movimentar e reanimar o campo literário em São Luís. Porém essa perseguição por seu romance com Armênia resultou na dissolução do grêmio e na partida dele para Amazônia. As perseguições foram tão sérias que a sua própria vida foi ameaçada, sendo salva por seu pai Domingos Aranha, que era um capoeira muito temido, tinha fama de "cabra espinhado e valente.

"¹³²

A vida de Nascimento Moraes o tempo todo se reflete no texto. Moraes também sofreu perseguições por sua origem humilde e por ser negro. Ele era uma exceção no mundo literário, composto em sua maioria pela elite branca e letrada. Com um senso

¹³²MORAES, Vencidos e degenerados, 2000, p.52

crítico muito apurado, tornou-se um incômodo para aquela elite preconceituosa. Numa prosa com Machado, Olivier relata a real situação dos letrados daquele lugar:

Então você não sabe que nós temos uma literatura oficial? Ignora, porventura, que parte dos homens de letras desta terra vive às custas dos cofres públicos, ou protegidos pelos potentados do mundo oficioso e que, a outra parte, vegeta, passa horríveis privações, sem emprego e sem proteção?¹³³

Era a real situação desses letrados desvalidos. Cláudio só conseguiu se consagrar como intelectual longe de seu torrão, apesar de participar de jornais e ter fundado um grêmio, além dos periódicos, nunca fora reconhecido. Naquela época, ser de origem pobre e negra era sinônimo de inferioridade, para Cláudio Olivier não havia lugar naquela sociedade mesquinha e preconceituosa. Contudo, ao retornar a São Luís para a comemoração de aniversário da Proclamação da República é recebido como um intelectual renomado, de forma que obteve esse reconhecimento de fora para dentro, algo recorrente com muitos intelectuais naquela conjuntura.

Nascimento Moraes, mesmo com todos os infortúnios, não deixou o Maranhão. Consagrou-se cronista, romancista, poeta, professor e jornalista. Esteve ligado aos movimentos literários, participou de debates calorosos com seu principal adversário, Antonio Lobo. Moraes e os Novos Atenienses deixaram um legado formidável ao Maranhão, contando com inúmeras obras que consagram a Atenas Brasileira. Moraes lutou pelo fim do marasmo intelectual e pelo fim da discriminação racial.

3.6 Personagens de um cotidiano inglório

Além dos personagens já citados, temos o Zé Catraia, o João da Moda, o professor Carlos Bento e Machado (*paletó queimado*), estes são típicos componentes do cenário de Vencidos e Degenerados. O Zé Catraia é um ex-escravo que está sempre à espreita de uma novidade, este possuía “alguma coisa de orador popular. Quando falava unia as palavras ao gesto, rasgava demoradamente o vocábulo, tinha

¹³³MORAES, Vencidos e degenerados, 2000, pp. 65/66

tons e semitons que coloriam suas frases”¹³⁴, e embora não primassem “pela pureza e precisão vernácula, não eram também amostras de idiotismo e mau gosto sintático”¹³⁵. Porém com a sua fama de beberrão, ninguém lhe dava muita importância, algo que facilitava saber da vida de todos. “Zé Catraia conhecia a vida de todo mundo, os princípios obscuros de todos”.¹³⁶

Antes da Abolição, Zé Catraia era um escravo dedicado ao seu patrão, não era o pior dos trabalhos, pois um ser esperto como ele, despertava certo temor até no seu dono, pois este não fazia nada sem antes consultar o Zé Catraia. “Era escravo de confiança de seu senhor, um velho decrépito que mais medo havia dele do que do diabo”¹³⁷. Zé Catraia era um denunciante das mazelas que afligiam a população, de forma que ele também fazia parte desses degenerados. Zé Catraia representa o *ethos* da resistência marginalizada, que resiste em silêncio a tudo, observador da realidade social, defende seu povo”¹³⁸.

É no João da moda onde se encontram os mais diversos espíritos inebriados, pois ele é “a musa inspiradora de todos os degenerados e vencidos da vida que tomam parte neste bródio que há de ficar célebre, distinto e inconfundível na história desta terra, berço de heróis, de literatos, de cientistas, de...”¹³⁹ A casa do João da Moda era um refúgio de intelectuais excluídos.

Outro personagem que compõe o enredo é o professor e jornalista Carlos Bento, que foi tutor de Olivier e de seu filho Cláudio. O velho Bento vivia às mínguas, o que não era raro acontecer com intelectuais naquela conjuntura. “Tu sabes que o professorado nada vale, atualmente é uma pinóia.”¹⁴⁰ Em seus panfletos denunciava as mazelas que corroíam os anseios daquela sociedade, criticava severamente o governo e sua falta de iniciativa para com o desenvolvimento do Maranhão depois da Abolição e da Proclamação da República. Carlos Bento representa a figura do

¹³⁴ Moraes, Vencidos e Degenerados, 2000, p. 45

¹³⁵ Moraes, Vencidos e Degenerados, 2000, p. 45

¹³⁶ Moraes, Vencidos e Degenerados, 2000, p. 46

¹³⁷ Moraes, Vencidos e Degenerados, 2000, p. 46

¹³⁸ CARREIRA, A paratopia testemunho-documental e o discurso da negritude em *Vencidos e degenerados*, 2015. p. 219.

¹³⁹ Moraes, Vencidos e Degenerados, 2000. p. 125

¹⁴⁰ Moraes, Vencidos e Degenerados, 2000. p. 85

professor Manuel de Bèthencourt, que instruiu e influenciou a carreira de Nascimento Moraes.

Ainda temos o João Machado, ou *paletó queimado*, como era conhecido antes de enricar, quando era apenas um quitandeiro. Machado era um grande admirador de Olivier, o conheceu no dia da Abolição e a partir desse momento “um mundo novo se abria a seus olhos. Rasgava-lhe um céu espesso, um horizonte novo se ampliava ante a sua inteligência. ” ¹⁴¹ Seus encontros e visitas a Olivier se tornaram constantes, “Machado se tornou um dos seus maiores amigos, captou sua simpatia e de sua família”¹⁴². Porém Olivier não queria que Machado o considerasse oportunista, visto que este possuía uma bela fortuna e era um influente capitalista.

Ninguém sabia ao certo como ele enriqueceu subitamente, porém Zé Catraia, à espreita protagonizando seu papel de bêbado, presenciou o momento que Machado encontrou 80 contos de réis dentro de algumas latas de manteiga. Isto foi logo depois do 13 de maio, e assim Machado se tornou um importante comerciante.

Após a morte de Olivier, Machado continuou a ser amigo da família, e Cláudio tinha sua afeição assim como o seu pai, porém seu romance com Armênia e as fofocas que caíam nos ouvidos de Machado sobre o caso, fizeram com que Machado cortasse os vínculos com ele. João Machado fazia parte de um seletto grupo que não rachou com a Abolição.

Nascimento Moraes, por meio dos seus personagens, nos releva o íntimo de uma sociedade conturbada, com problemas econômicos, políticos, sociais e culturais. Vencidos e degenerados denuncia os pormenores desses problemas, focando no renascimento cultural e quebrando o paradigma da superioridade racial, social e intelectual.

¹⁴¹ Moraes, Vencidos e Degenerados, 2000. p. 65

¹⁴² Moraes, Vencidos e Degenerados, 2000. p. 72

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo trajeto percorrido até aqui evidencia a magnitude de *Vencidos e Degenerados*. Vai além de um romance, é uma trama que nos envolve e provoca sentimentos. Ficamos felizes pelos libertos e logo depois frustrados com seu cotidiano inglório e sem perspectivas, apreensivos com o futuro de Cláudio e animados com o festejo no Largo, observadores na festa do Machado e refugiados no João da Moda. É uma gama de sentimentos que flui durante a leitura e que nos remete a um questionamento: como uma obra dessa intensidade é tão pouco conhecida? *Vencidos e Degenerados* é um retrato do Maranhão na virada do século XIX-XX, um retrato cruel e realista que imprime a imagem de uma sociedade carregada de vícios e preconceitos a partir de dois grandes eventos, a Abolição da escravidão e a Proclamação da República. É uma obra de cunho literário, histórico e sociológico, que faz parte de um conjunto de outras obras resultantes da atuação dos Novos Atenienses no Maranhão. Esse grupo literário usou de vários artifícios para tirar o Maranhão do marasmo intelectual no qual se encontrava. Obras, periódicos, grêmios, calorosos debates literários, além dos órgãos fundados por esses intelectuais. Tudo isto dá uma dimensão dos feitos dessa geração e do quão importante foi para a sociedade maranhense.

Nascimento Moraes, um desses *operários da saudade*, é dono de uma trajetória ímpar e se faz presente o tempo todo na obra, sua vida e sua condição social e racial se mistura e reflete no texto, seus sonhos, seus medos, suas angústias e suas decepções, se revelam cena após cena. A intensidade da narrativa nos desafia a querer saber quando é ficção e quando é realidade, principalmente quando o autor fala de lugares que realmente existiam, dando um ar de veracidade à história.

José do Nascimento Moraes nos deixou um legado imensurável, e este trabalho é uma amostra do quanto podemos conhecer e aprender com os feitos deste intelectual. O conjunto dos seus trabalhos revela a potencialidade de sua escrita, que deve ser mais bem estudada e reconhecida.

REFERÊNCIAS

A província do Maranhão e a imigração. Guia do imigrante. Com uma carta topographica da Província. 1888. Biblioteca Pública Benedito Leite. Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão. Acervo Biblioteca Pública Benedito Leite. www.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **A ideologia da decadência: leitura antropológica a uma história da agricultura no Maranhão.** Rio de Janeiro: Editora Casa 8/Fundação Universidade do Amazonas, 2008.

ANDRADE, Beatriz Martins de. **O discurso educacional do Maranhão na primeira república.** São Luís. UFMA/ Secretaria de Educação, 1984.

ANTOLOGIA da Academia Maranhense de Letras (1908 – 1958). **Publicação Comemorativa do Cinquentenário de Fundação da Academia.** São Luís, 1958.

ARAÚJO, Adriana Gama de. **Em nome da cidade vencida: a São Luís republicana obra de José do Nascimento Moraes (1889-1920).** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

BEZERRA, Mariza Pinheiro. **O tanatopoder e as epidemias: discurso civilizador e saúde pública no centro urbano de São Luís no início do século XX.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação Cultura e Sociedade, São Luís, 2012.

BORRALHO, José Henrique de Paula. **Uma Athenas equinocial: a literatura e a fundação de um Maranhão no Império Brasileiro.** São Luís: EDFUNC, 2010.

_____. **Terra e céu de nostalgia: tradição e identidade em São Luís do Maranhão.** 2000. B737t. Dissertação (Mestrado em História). UNESP – Assis-SP.

BRÁS, Helayne Xavier. **Os marginalizados pela república: o discurso sobre modernidade e cidadania na obra de José Nascimento Moraes.** Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2014.

CALDEIRA, José de Ribamar Chaves. **Origens da indústria no sistema agro-exportador maranhense - 1875/1895: estudo micro-sociológico da instalação de um parque fabril em região do Nordeste Brasileiro no final do século XIX.** Mimeo. Tese de doutorado, São Paulo: USP, 1988.

CÂMARA, Paulo Roberto Pereira. **TRABALHO E RUA: dinâmicas do trabalho no mundo da rua.** Artigo publicado na Revista Outros Tempos, Volume 5, numero 6, dezembro de 2008 - Dossie Religião e Religiosidade.

CAMPOS, Humberto de. **Memórias inacabadas.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

CARDOSO, Patrícia Raquel Lobato Durans. **Lobo X Nascimento “Nova Atenas”:** literatura, história e polêmicas dos intelectuais maranhenses na Primeira República. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.

CARREIRA, Rosângela Aparecida Ribeiro. **A paratopia testemunho-documental e o discurso da negritude em *Vencidos e degenerados*.** Doutorado em Língua Portuguesa, PUC, São Paulo, 2015.

CARVALHO, Heitor Ferreira de. **Urbanização em São Luís: entre o institucional e o repressivo.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2005.

CASTRO, Ana Caroline Neres. **Atenas Brasileira X Babilônia de exílio: uma análise sobre a decadência intelectual do Maranhão (1894-1932).** Monografia (graduação em História) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luis, 2007.

CORREIA, Maria da Glória Guimarães. **Nos fios da trama: quem é essa mulher? Cotidiano e trabalho do operariado feminino em São Luís na virada do século XIX.** São Luís: Edefma, 2006.

CORRÊA, Rossini. **Atenas Brasileira: a cultura maranhense na civilização nacional**. Brasília: Tesauros CORRÊIA & CORRÊIA, 2001.

FARIA, Regina Helena Martins de. **MundoS do trabalho no Maranhão Oitocentista: os descaminhos da liberdade**. EDUFMA, 1ª Edição, São Luís, 2012.

FERREIRA, Antônio José de Araújo. **Políticas territoriais e a reorganização do espaço maranhense**. Tese (doutorado – Programa de pós-graduação em Geografia humana. Área de concentração: geografia humana). Departamento de Geografia da faculdade de filosofia, letras e ciências humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

KLAUS, Roger Brito. **História do Maranhão no século XX**, artigo disponível: <http://saoluisdomara.xpg.uol.com.br/historiab.htm>.

LACROIX, Maria de Lourdes. **A fundação Francesa de São Luís e seus Mitos**. 2ª ed. rev. e ampliada – São Luís: Lithograf, 2002.

LE GOFF, Jacques, **Memória e história**. Campinas: Editora UNICAMP, 1992.

LISBOA, Achiles, **A lavoura e a guerra**. Conferência realizada na sociedade de agricultura. São Luís, 1918.

LOBO, Antonio. **Os Novos Atenienses**. 3. ed. São Luís: AML/EDUEMA, 2008.

MACHADO, Nauro. **A escrita polêmica de José do Nascimento Moraes**. In: MORAES, José do Nascimento. **Neurose do Medo e 100 Artigos de José do Nascimento Moraes**. São Luís: Secma, Civilização Brasileira, 1982, p. 7-40.

MARTINS, Manoel de Jesus Barros Martins. **Operários da Saudade: os novos atenienses e a invenção do Maranhão**. – São Luís: Edufma, 2006.

_____. **Rachaduras Solarescas e Epigonismos Provincianos – sociedade e cultura no Maranhão neo-ateniense: 1890-1930**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

MEDEIROS, Carlos Henrique Guimarães. **Peste bubônica em São Luís: Epidemia e perspectiva de reordenamento urbano**. 2007. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2007.

MEIRELES, Mário Martins. **História do Maranhão**. São Luís: D. A. S. P. – Serviço de Documentação, 1960.

MORAES, José do Nascimento. **Vencidos e Degenerados**. 4ª edição. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000.

_____. **Puxos e repuxos**. Polêmica com Antonio Lobo e seguidores. São Luiz: Typographia do Jornal dos Artistas, 1910.

NASCIMENTO, Dorval do. **Nosso céu não tem estrelas: o campo intelectual maranhense na Primeira República**. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26, 2011, São Paulo. Anais. São Paulo: ANPUH, 2011.

PRAZERES, Maria das Graças do Nascimento. **Nos trilhos do progresso: Os bondes elétricos na Primeira República em São Luís (MA)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

RESENDE, Rafael Serra de. **Da Ágora ao Pantheon: Intelectuais de “Atenas” e a literatura romântica no Maranhão**. Artigo Revista Outros Tempos. UEMA, São Luís, 2007.

RIBEIRO, Jalila Ayoub Jorge; **A desagregação do sistema escravista no Maranhão: 1850-1888**. São Luís: SIOGE, 1990.

SILVEIRA, Rosário de Maria Carvalho. **Trabalho e condição feminina em São Luís na virada do século (1880-1910) – a situação do operariado feminino**. Monografia

(Graduação) – Curso de História Licenciatura -Universidade Estadual do Maranhão, SÃO LUÍS, 2008.

VIVEIROS, Jerônimo. **História do comércio do Maranhão.** São Luís: Associação Comercial do Maranhão, vol. II, 1954.

JORNAIS

A CRISE, São Luiz do Maranhão, 3 de novembro de 1901, número 01.

A RENASÇENÇA, Orgam da renascença litteraria, Maranhão 27 de outubro de 1902, Ano II, número 16.

O ATENIENSE, Orgam da sociedade literária Barão do Rio Branco, São Luiz, 12 de janeiro de 1915, Ano 4, número 49.

O COMBATE, São Luiz, 26 de março de 1956
PACOTILHA, São Luiz, 14 de abril de 1881.

REVISTA ATHENAS, Revista do Maranhão para o Brasil, São Luís, agosto de 1940, número 20.

REVISTA ATHENAS, Revista do Maranhão para o Brasil, São Luís, julho de 1940, número 19.

